

Informe Técnico do ETENE

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE

ANÁLISE RETROSPECTIVA E PROSPECTIVA DO SETOR TÊXTIL NO BRASIL E NO NORDESTE

Autor

Francisco Diniz Bezerra

Mestre em Engenharia de Produção.
Coordenador de Estudos e Pesquisas do BNB/ETENE

Colaboração

Leonardo Dias Lima
Hamilton Reis de Oliveira
Iara Amaral Lourenço

Fortaleza-Ce, Agosto de 2014

1. INTRODUÇÃO

Este informe retrata o desempenho recente da indústria têxtil no Brasil, com ênfase na área de atuação do BNB, que abrange os Estados do Nordeste e o Norte do Espírito Santo e de Minas Gerais.

O documento contempla informações sobre as características da indústria têxtil e realiza um panorama da atividade no mundo e no Brasil, particularmente no Nordeste, abordando aspectos inerentes à competitividade, produtividade, mercado de trabalho, produção e consumo, receitas e custos, comércio exterior, dentre outros.

2. CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL

A estrutura da cadeia produtiva e de distribuição têxtil e de confecção engloba desde a produção das fibras têxteis até o produto acabado e confeccionado, incluindo a distribuição e a comercialização. **A indústria têxtil propriamente dita constitui uma etapa dessa cadeia, compreendendo a fiação, a tecelagem, a malharia e o beneficiamento (tinturaria, estamparia, lavanderia etc.).** A indústria têxtil é suprida pelas matérias-primas têxteis, compostas de fibras naturais, onde se sobressai o algodão, e de filamentos sintéticos e artificiais. Uma etapa mais à frente constitui as atividades da indústria de confecção, que compreendem a fabricação de vestuário e artigos para o lar, dentre outros. **Esta análise abrange informações relativas indústria têxtil.**

O processo produtivo da cadeia têxtil se inicia com a matéria-prima (fibras e filamentos) sendo transformada em fios nas fábricas de fiação, seguindo para a tecelagem plana ou para a malharia e, finalmente, para o acabamento. Cada uma dessas etapas possui características próprias, existindo descontinuidade entre elas. Assim, o resultado final de cada etapa constitui o insumo principal da seguinte. Cada um dos elos principais subdivide-se em várias operações conexas, mas igualmente independentes entre si. A independência das fases principais e das etapas inerentes a cada uma delas decorre do fato de que cada etapa elabora um produto final, embora em condições pré-determinadas pelo sistema de produção. A Figura 1 apresenta a configuração do fluxo produtivo na indústria têxtil.

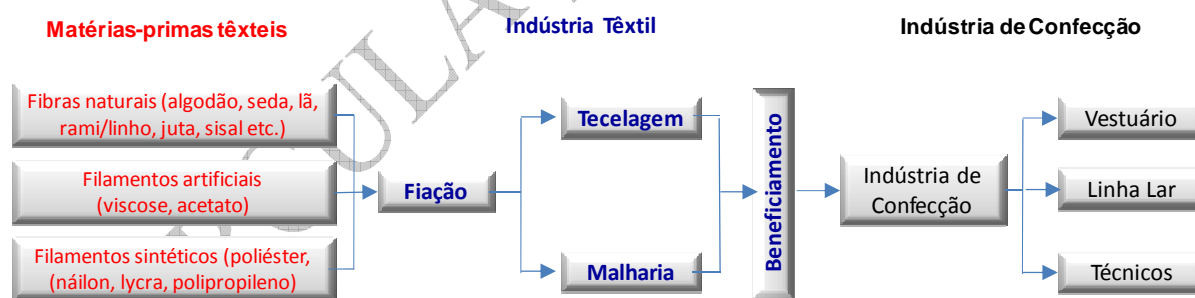


Figura 1 – Fluxo produtivo da Cadeia Têxtil e de Confecção

A descontinuidade das operações possibilita flexibilidade na organização da produção e a existência de empresas com escalas de produção e níveis de atualização tecnológica diferentes. A tecnologia básica dos processos produtivos está incorporada aos equipamentos, não apresentando problemas de acesso. A evolução tecnológica ocorrida no processo produtivo da indústria têxtil provém dos avanços ocorridos na produção das matérias-primas, especialmente no desenvolvimento de novas fibras sintéticas, bem como nas máquinas e equipamentos utilizados em todo o processo, o que caracteriza o setor têxtil como incorporador de tecnologia desenvolvida em outros setores.

Uma característica marcante do setor têxtil é o alto grau de verticalização presente, especialmente nos elos de fiação + tecelagem, fiação + malharia e malharia + confecção, existindo também um pequeno número de empresas que possuem todos os elos da cadeia integrados

verticalmente. Como exemplo de grandes empresas verticalizadas que atuam na região Nordeste pode-se citar a Vicunha e a Coteminas.

3. PANORAMA MUNDIAL

3.1. Mercado mundial

O consumo mundial de fibras têxteis – naturais e químicas (sintéticas/artificiais) – cresceu, em média, 3,5% ao ano entre 1990 e 2011¹, passando de 40,0 para 82,0 milhões de toneladas (Gráfico 1). Ressalta-se que a participação das fibras químicas superou a de origem natural nesse intervalo de tempo, passando de 48% para 66%. No mesmo período (1990 a 2011), a população mundial aumentou a uma taxa média anual de 1,3%. Houve, portanto, um importante crescimento do consumo mundial *per capita* de produtos têxteis, que passou de 7,6 kg/hab. em 1990 para 11,8 kg/hab. em 2011 (IEMI, 2013). A tendência de maior crescimento do consumo de fibras químicas em relação às naturais persistirá nos próximos anos, sendo desfavorável ao Brasil e, em particular, ao Nordeste, que são mais competitivos em produtos feitos de algodão.

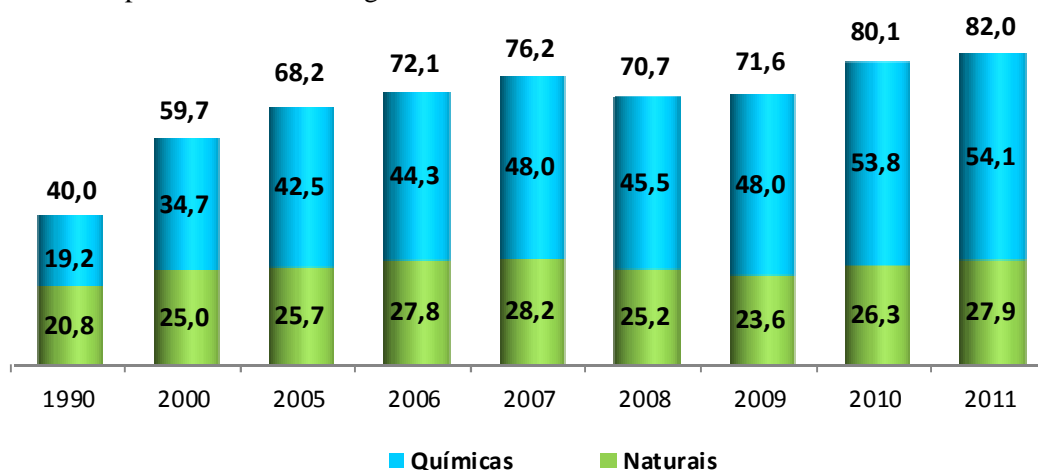


Gráfico 1 – Consumo mundial de fibras têxteis (milhões de toneladas)

Fonte: IEMI/Fiber Organon

Considerando o baixo poder aquisitivo de parcela expressiva da população mundial (cerca de 20% sobrevive com menos de US\$ 1,00/dia – pela paridade do poder de compra), a crescente urbanização e o progressivo aumento da renda nos países em desenvolvimento, infere-se uma tendência de crescimento do consumo *per capita* de produtos têxteis para os próximos anos, significando um aumento de consumo superior ao crescimento da população.

3.2. Produção mundial

No mundo, a Ásia lidera a produção na Indústria Têxtil, participando com cerca de 2/3 do total fabricado. Apenas a China é responsável por 50,2% da produção de têxteis (Tabela 1), além de representar o maior mercado consumidor desses produtos no mundo. O Brasil ocupa o 5º. lugar na produção mundial de têxteis, com 2,4% do total.

Tabela 1: Produção mundial de manufaturados têxteis – 2011

¹ Último dado disponível.

Países	Quantidade Produzida⁽¹⁾ (1.000 t)	%
1. China/Hong Kong	41.461	50,2
2. Índia	5.669	6,9
3. Estados Unidos	4.403	5,3
4. Paquistão	2.996	3,6
5. Brasil	2.011	2,4
6. Indonésia	1.952	2,4
7. Taiwan	1.874	2,3
8. Turquia	1.545	1,9
9. Coréia do Sul	1.483	1,8
10. Tailândia	933	1,1
11. México	759	0,9
12. Bangladesh	663	0,8
13. Itália	636	0,8
14. Rússia	562	0,7
15. Alemanha	448	0,5
Sub-total	67.394	81,6
Outros	15.152	18,4
Total	82.546	100,0

Fonte: Fiber Organon, disponibilizado por IEMI (2013)

Notas: (1) Calculado com base no consumo industrial de fibras e filamentos

A partir dos anos de 1980, a aceleração do processo de integração dos mercados mundiais (globalização) provocou a migração de parcela significativa da produção da Indústria Têxtil dos Estados Unidos, da União Europeia e do Japão para países com mão de obra mais barata ao redor do mundo, facilitada pela baixa qualificação exigida da força de trabalho e pelos poucos requisitos de infraestrutura necessários à instalação das fábricas. Contudo, esse movimento tem sido mais forte no setor de confecções, mais intensivo em mão de obra e menos exigente em escalas de produção, mas tem ocorrido também, em menor grau, com as indústrias de fiação e tecelagem.

3.3. Comércio internacional

O comércio internacional de produtos têxteis (inclusive fibras) tem crescido de forma expressiva nas duas últimas décadas, passando de US\$ 104 bilhões em 1990 para US\$ 332 bilhões em 2012 (IEMI, 2013). Esses dados indicam um expressivo crescimento médio anual de 5,4% entre 1990 e 2012.

A China e Hong Kong são responsáveis por 1/3 das exportações mundiais de produtos têxteis, incluindo fibras. Em segundo lugar estão os Estados Unidos (6,6%), seguidos da Índia (6,0%) e da Alemanha (5,0%) (Gráfico 2).

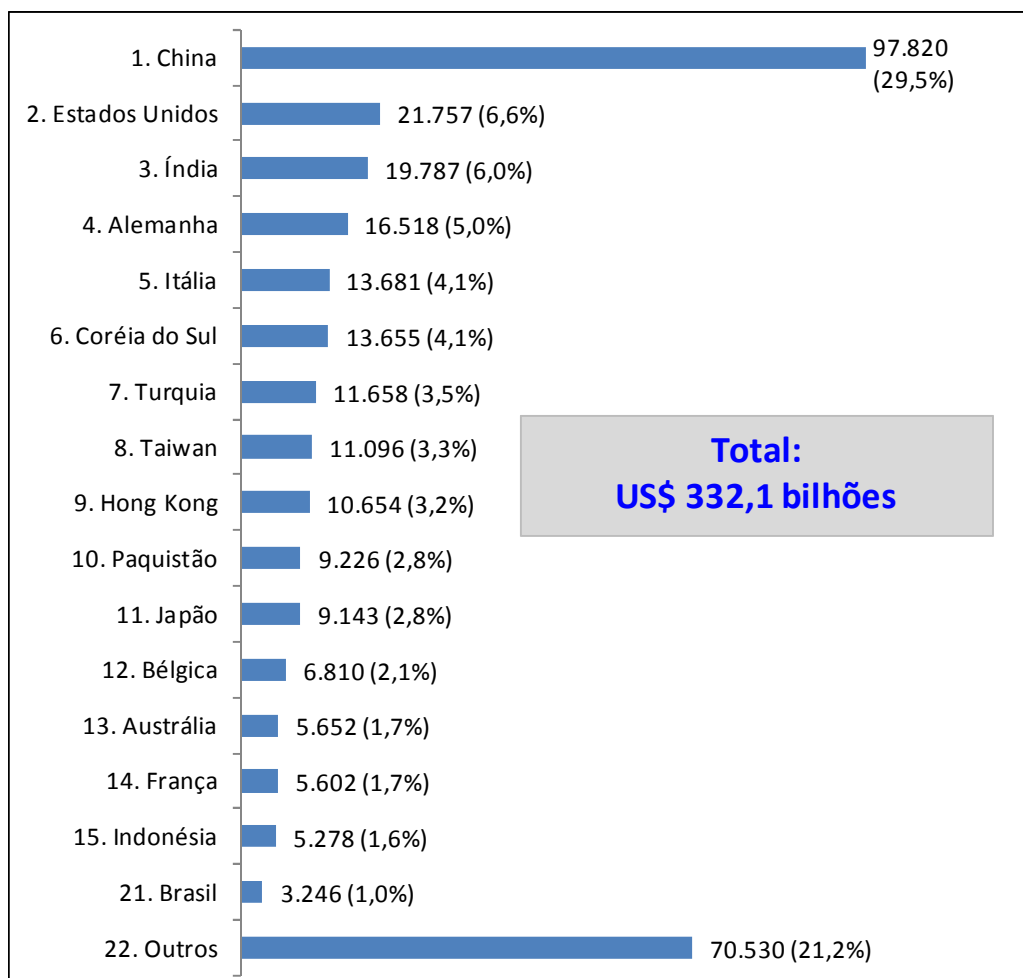


Gráfico 2: Principais países exportadores de produtos têxteis⁽¹⁾ – 2012 – US\$ milhões (% do total exportado)

Fonte: IEMI/ITC - International Trade Center, citado por IEMI (2013)

Nota: (1) - Inclui fibras

Apesar do Brasil estar entre os cinco maiores fabricantes mundiais de produtos têxteis manufaturados, a sua produção é essencialmente voltada para o mercado interno. De fato, os dados relativos ao comércio exterior de 2012 mostram que o Brasil ocupa uma posição de pouca relevância entre os países exportadores, participando com apenas 1,0% das exportações, apesar de deter 2,4% da produção mundial de manufaturados têxteis.

Em função da diminuta participação do Brasil no comércio internacional de produtos da indústria têxtil, pode-se afirmar que o país não tem condições de influenciar preços no mercado mundial. Desta forma, o Brasil deve preferencialmente ocupar nichos de mercado, tendo em vista a dificuldade de competir em preço com os produtores da Índia e principalmente da China na maioria dos produtos.

Concernente às importações mundiais da Indústria Têxtil, a China lidera, com 12,0% do total. Outros grandes importadores de produtos têxteis são os Estados Unidos (8,7%), a Alemanha (5,2%) e o Vietnã (4,0%). O Brasil participa com 1,5% das importações de produtos têxteis (Gráfico 3).

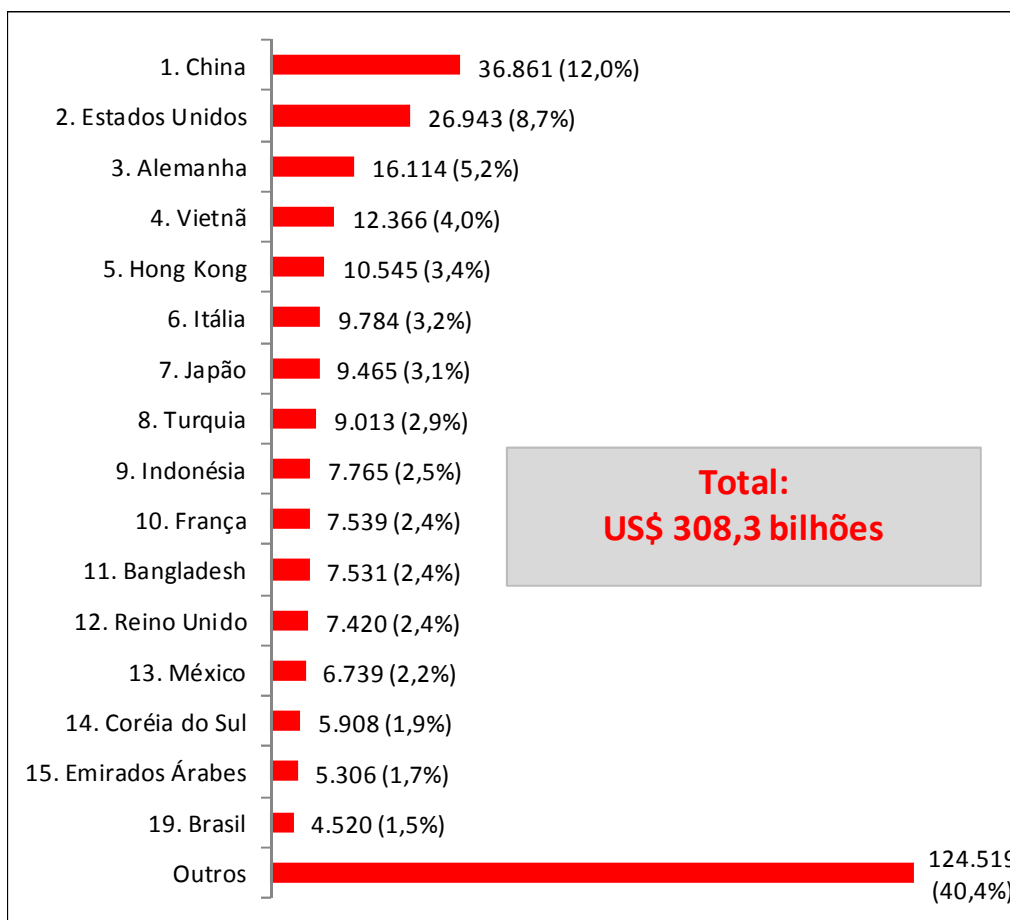


Gráfico 3: Principais países importadores de produtos têxteis⁽¹⁾ – 2012 – US\$ milhões (% do total importado)

Fonte: IEMI/ITC - *International Trade Center*, citado por IEMI (2013)

Nota: (1) - Inclui fibras

4. PANORAMA BRASILEIRO

4.1. Importância da indústria têxtil na economia brasileira e nordestina

No Brasil, a indústria têxtil representa 2,0% do Valor Bruto da Produção Industrial (VBPI) e 3,8% dos empregos da Indústria de Transformação. No Nordeste, ela é mais expressiva, porquanto representa 3,4% do VBPI² e 5,0% dos empregos da Indústria de Transformação regional (IBGE, 2014).

Sendo um elo da cadeia produtiva têxtil, ela gera demanda por matérias-primas têxteis, dentre as quais o algodão, e representa um insumo utilizado na indústria de confecção, gerando emprego e renda nessas atividades e em outras de forma indireta.

² As informações de VBPI do Nordeste são uma *proxy* baseada no VBPI de unidades locais (estabelecimentos) com 5 ou mais empregados localizadas no país e na região. O IBGE não disponibiliza dados para empresas com menos de 5 empregados por estado ou região.

4.2. Distribuição da indústria têxtil no Brasil

A Indústria Têxtil brasileira, cuja Receita Operacional Líquida (ROL) de vendas correspondeu a R\$ 40,6 bilhões em 2011³, é concentrada no Sudeste (52,2%) e no Sul (28,3%). O Nordeste participa com 15,6% dessa indústria. Centro-Oeste (3,5%) e Norte (0,4%) são pouco representativos nessa atividade industrial⁴ (Gráfico 4).

Dentre as unidades da federação, São Paulo (41,02%) e Santa Catarina (19,41%) são os principais produtores. No Nordeste, os estados mais representativos na indústria têxtil são o Ceará (5,34%), Bahia (2,78%), Rio Grande do Norte (2,20%) e Paraíba (2,17%).

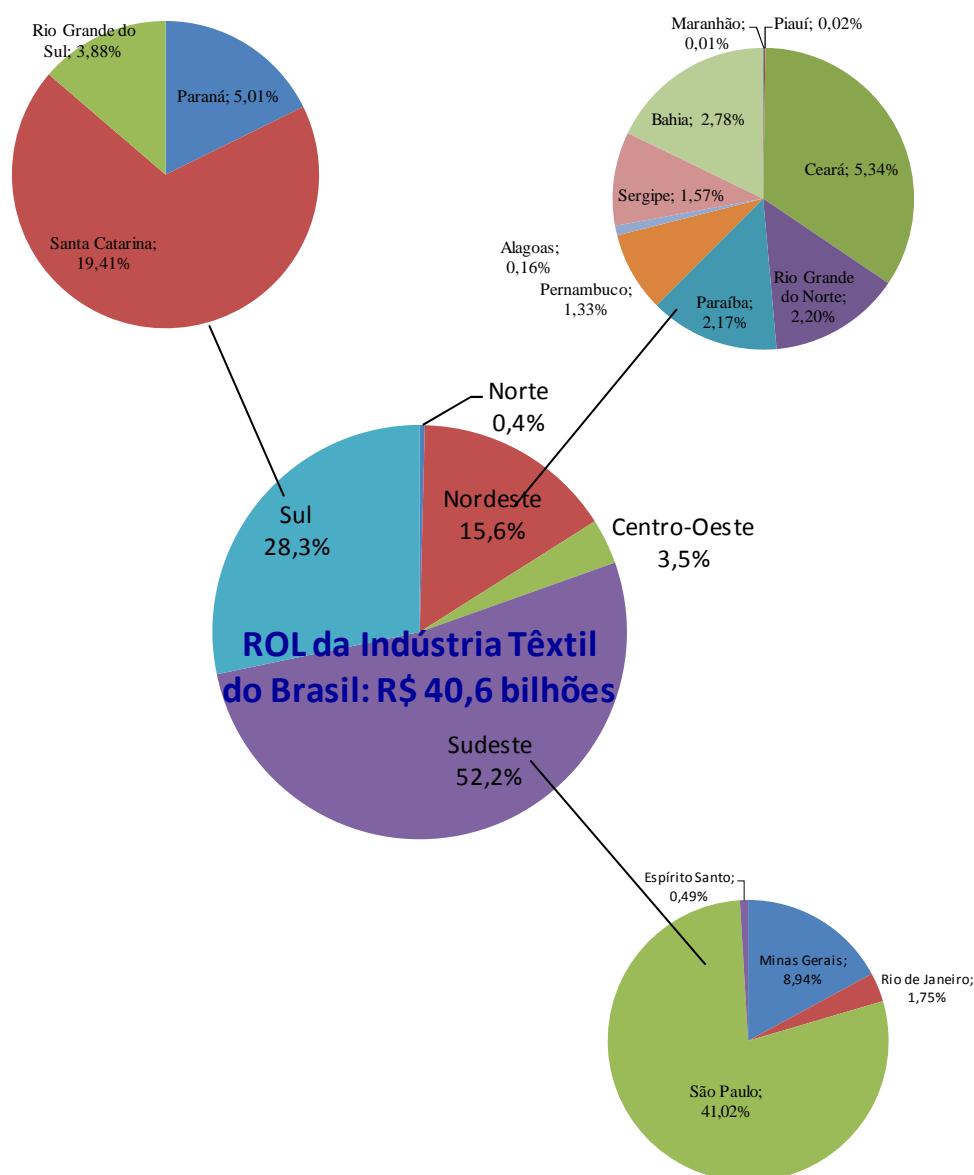


Gráfico 4 - Participação das regiões e estados na Receita Operacional Líquida (ROL) da Indústria Têxtil do Brasil – 2011 (% da ROL)

Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Anual – Empresa

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

³ Valor atualizado para 2013 pelo IPCA anual médio.

⁴ A participação percentual de cada região é uma *Proxy* tendo por base a Receita Operacional Líquida de estabelecimentos industriais com 5 ou mais empregados. Os dados mais recentes divulgados pelo IBGE referem-se ao ano de 2011.

A participação do Sudeste no número de estabelecimentos (48,8%) e na mão de obra formal empregada (50,5%) corrobora a assertiva de que a indústria têxtil brasileira é concentrada nessa região (Tabela 2). O Sul possui o segundo maior parque têxtil, detendo 30,4% dos estabelecimentos e 28,3% da mão de obra formal. O Nordeste participa com 14,3% (1.453) dos estabelecimentos e 17,5% (52.359) dos empregos formais. Dentre os grupos de atividades (de acordo com a Classificação CNAE 2.0), a presença do Nordeste é proporcionalmente mais forte no segmento de Preparação e Fiação de Fibras Têxteis, detendo 25,7% do número de estabelecimentos e 26,3% dos empregos formais do país nesse subsetor.

Tabela 2 - Participação das regiões no número de estabelecimentos e de empregos formais da Indústria Têxtil no Brasil - 2012

Brasil/ Regiões	Preparação e Fiação de Fibras Têxteis		Tecelagem, Exceto Malha		Fabricação de Tecidos de Malha		Acabamentos em Fios, Tecidos e Artefatos Têxteis		Fabricação de Artefatos Têxteis, Exceto Vestuário		Total Indústria Têxtil	
	Estab.	Empregos	Estab.	Empregos	Estab.	Empregos	Estab.	Empregos	Estab.	Empregos	Estab.	Empregos
Brasil	847	53.069	825	55.459	740	26.290	2.402	42.060	5.358	121.741	10.172	298.619
Norte	2,4%	3,2%	0,5%	0,1%	0,7%	0,1%	0,7%	0,2%	1,0%	0,3%	1,0%	0,7%
Nordeste	25,7%	26,3%	10,8%	27,7%	8,6%	14,6%	11,7%	10,3%	14,9%	12,2%	14,3%	17,5%
Sudeste	40,3%	44,6%	59,5%	49,7%	38,8%	35,0%	40,9%	45,0%	53,4%	58,6%	48,8%	50,5%
Sul	19,2%	22,5%	26,9%	20,2%	49,9%	49,3%	42,4%	42,8%	24,7%	24,9%	30,4%	28,3%
C.-Oeste	12,4%	3,4%	2,3%	2,2%	2,0%	1,0%	4,3%	1,6%	6,0%	4,0%	5,5%	3,0%

Fonte: MTE/RAIS

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

Nota: Distribuição dos estabelecimentos e empregos de acordo com os grupos da CNAE 2.0 referentes à Indústria Têxtil

A Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT) classifica o porte das empresas do setor em função do número de empregados, considerando:

- Micro – até 10 empregados;
- Pequena – de 11 a 30 empregados;
- Média – de 31 a 200 empregados;
- Grande – acima de 200 empregados.

De acordo com classificação da ABIT, a Indústria Têxtil possui proporcionalmente número elevado de micro e pequenas empresas. De fato, as micro e pequenas empresas somam 8.600 unidades locais, representando 84,5% do total de estabelecimentos da Indústria Têxtil do país com pelo menos um vínculo empregatício ativo em 31/12/2012 (Tabela 3).

Tabela 3 - Participação das regiões no número de estabelecimentos da Indústria Têxtil do Brasil em função do porte (segundo classificação ABIT) - 2012

Brasil e Regiões	Micro empresa (de 1 a 10 empregados)	Pequena empresa (de 11 a 30 empregados)	Média empresa (de 31 a 200 empregados)	Grande empresa (acima de 200 empregados)	Total
Brasil	6.756	1.844	1.268	304	10.172
Norte	1,1%	0,9%	0,5%	1,0%	1,0%
Nordeste	14,8%	13,9%	10,6%	19,7%	14,3%
Sudeste	45,8%	54,0%	57,3%	48,4%	48,8%
Sul	31,7%	27,5%	28,1%	28,6%	30,4%
Centro-Oeste	6,6%	3,7%	3,5%	2,3%	5,5%

Fonte: MTE/RAIS

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

Dentre os principais aglomerados têxteis do Brasil, destacam-se a Região Metropolitana de São Paulo (SP), o Vale do Itajaí (SC) e Campinas (SP), tanto em número de estabelecimentos micro/pequeno e médio/grande como em número de empregos. No Nordeste, o principal aglomerado têxtil ocorre na Região Metropolitana de Fortaleza. Destacam-se ainda na região os aglomerados localizados nas mesorregiões da Mata Paraibana (PB), Leste Potiguar (RN), Agreste Pernambucano e Região Metropolitana de Salvador (Tabela 4).

Tabela 4 - Mesorregiões de localização dos principais aglomerados da Indústria Têxtil do Brasil - 2012

Estabelecimentos de Médio e Grande Portes					Estabelecimentos de Micro e Pequeno Portes				
Pos.	Mesorregião	UF	Estabelecimentos	Empregos	Pos.	Mesorregião	UF	Estabelecimentos	Empregos
1	Metropolitana de São Paulo	SP	255	31.156	1	Metropolitana de São Paulo	SP	983	7.669
2	Vale do Itajaí	SC	197	30.335	2	Vale do Itajaí	SC	965	6.613
3	Campinas	SP	187	27.446	3	Campinas	SP	588	5.201
4	Metropolitana de Fortaleza	CE	34	14.554	4	Araraquara	SP	478	3.324
5	Norte Catarinense	SC	48	12.735	5	Sul/Sudoeste de Minas	MG	315	1.732
6	Macro Metropolitana Paulista	SP	74	11.738	6	Metropolitana do Rio de Janeiro	RJ	201	1.477
7	Metropolitana de Belo Horizonte	MG	39	7.869	7	Metropolitana de Fortaleza	CE	197	1.468
8	Araraquara	SP	69	6.829	8	Metropolitana de Porto Alegre	RS	253	1.459
9	Mata Paraibana	PB	17	5.487	9	Centro Goiano	GO	264	1.424
10	Leste Potiguar	RN	13	4.908	10	Norte Catarinense	SC	170	1.411
11	Metropolitana de Porto Alegre	RS	45	4.731	11	Norte Central Paranaense	PR	219	1.342
12	Sul/Sudoeste de Minas	MG	45	4.676	12	Metropolitana de Belo Horizonte	MG	212	1.266
13	Norte de Minas	MG	6	4.538	13	Noroeste Paranaense	PR	146	1.197
14	Metropolitana de Curitiba	PR	21	4.172	14	Zona da Mata	MG	166	1.123
15	Norte Central Paranaense	PR	32	3.703	15	Agreste Pernambucano	PE	178	1.065
16	Metropolitana do Rio de Janeiro	RJ	39	3.595	16	Macro Metropolitana Paulista	SP	112	1.037
17	Piracicaba	SP	23	3.568	17	Sul Catarinense	SC	142	846
18	Metropolitana de Salvador	BA	23	3.326	18	Oeste de Minas	MG	108	840
19	Oeste de Minas	MG	9	3.287	19	Piracicaba	SP	97	778
20	Itapetininga	SP	17	3.230	20	Central Potiguar	RN	79	636

Fonte: MTE/RAIS

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

Nota: Classificação em ordem decrescente em função do número de empregos formais

A localização espacial dos aglomerados da indústria têxtil pode ser melhor visualizada através da Figura 2, que retrata o número de empregos nas mesorregiões do Brasil. Como observado na Tabela 5, no Nordeste, apenas as mesorregiões da Região Metropolitana de Fortaleza, da Mata Paraibana e do Leste Potiguar possuem mais de 5.000 vínculos empregatícios na Indústria Têxtil (dados de 31/12/2012).

Das 137 mesorregiões brasileiras, apenas sete não possuem estabelecimentos e vínculos empregatícios na indústria têxtil. Trata-se, portanto, de uma indústria presente em todo o território nacional, embora apenas 14 mesorregiões concentrem 68% do emprego formal.

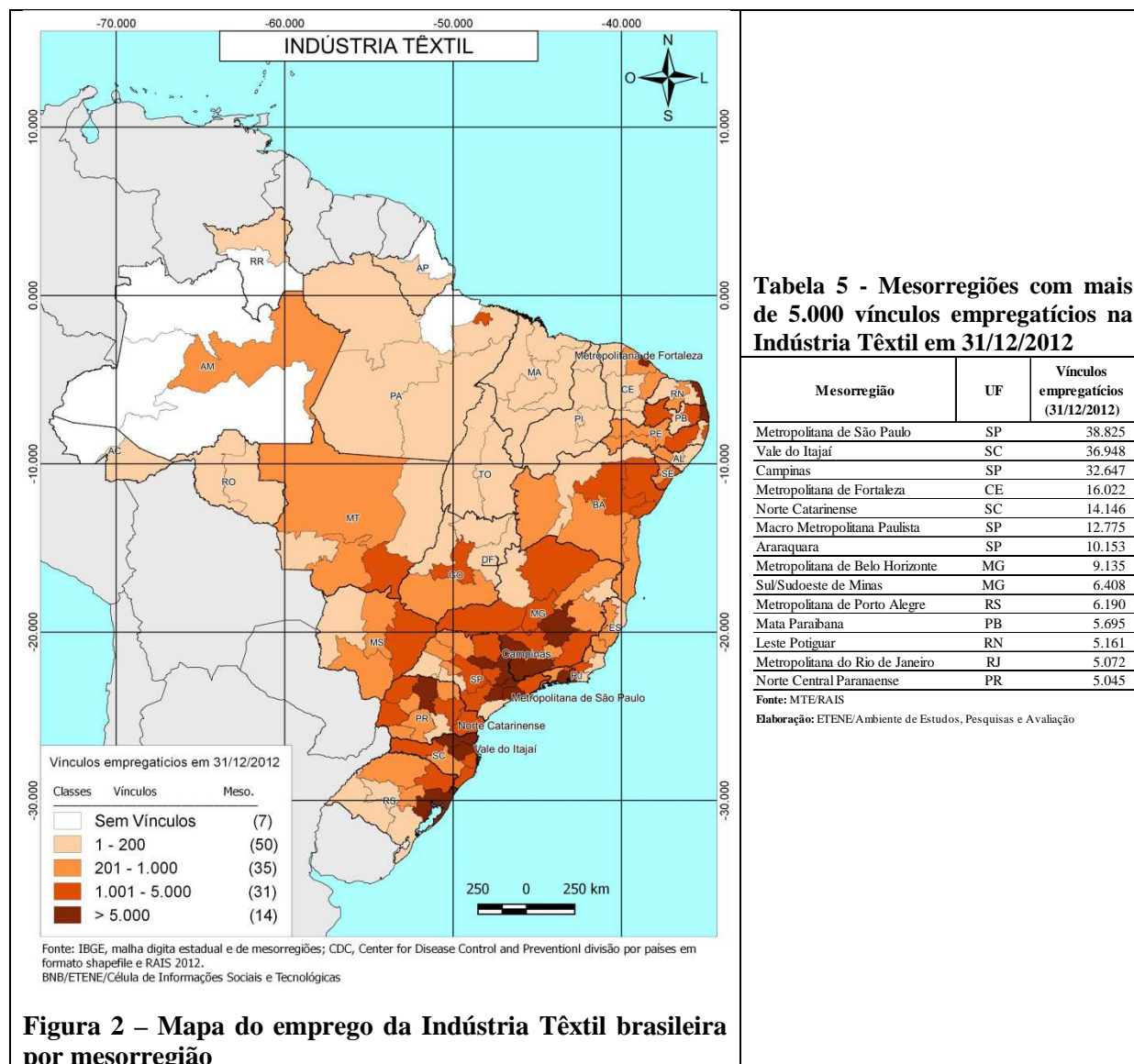


Figura 2 – Mapa do emprego da Indústria Têxtil brasileira por mesoregião

4.3. Mercado interno

O mercado interno brasileiro apresentou, entre 2003 e 2010, crescimento contínuo no consumo *per capita* de produtos têxteis (inclusive confeccionados), tendo, no entanto, declinado nos dois anos seguintes, alcançando 13,3 kg/hab. em 2012 (Tabela 6). Entretanto, o consumo *per capita* de produtos têxteis no Brasil ainda está muito aquém do observado nos países desenvolvidos, podendo-se presumir que a demanda interna possa ainda crescer significativamente. Os produtos têxteis possuem demanda elástica, ou seja, são sensíveis a modificações no poder de compra da população. Assim, diante da perspectiva de aumento e melhor distribuição de renda no país, projeta-se uma tendência de elevação do consumo *per capita* de produtos têxteis.

O consumo de produtos têxteis no Brasil tem crescido bem acima do crescimento da população. Além disso, observa-se que após o ano 2000, a variação no consumo total de produtos têxteis e confeccionados correspondeu, em média, a quase a mesma variação da renda per capita.

Observando os dados da Tabela 6, constata-se que a produção nacional foi superior ao consumo interno até 2005. A partir de 2006, entretanto, o montante do consumo interno superou a produção do país, tendo essa diferença sido aumentada a cada ano até 2012, evidenciando que os produtos estrangeiros estão tomando espaço da indústria nacional no mercado brasileiro de produtos têxteis.

Com base nos dados de consumo *per capita* e da população, estima-se que o mercado brasileiro de manufaturados têxteis e confeccionados seja de aproximadamente 2,6 mil toneladas (dado de

2012). Observa-se, contudo, que desde 2010, ano em que foi atingido recorde de 2,84 mil toneladas, o consumo caiu 9,2%.

Tabela 6 – Dimensões do mercado e do consumo *per capita* de têxteis no Brasil

Ano	Habitantes ⁽²⁾ (milhares)	Renda Média ^{(1) (2)} (R\$/habitante)	Produtos Têxteis e Confeccionados		
			Produção <i>per capita</i> (Kg/hab.)	Consumo <i>per capita</i> ⁽²⁾ (Kg/hab.)	Estimativa de consumo (t)
2000	171.280	15.099	11,3	11	1.884
2001	173.588	15.094	10,1	9,6	1.666
2002	175.858	15.295	9,6	9,1	1.600
2003	178.063	15.279	9,3	8,3	1.478
2004	180.190	15.961	10,3	9,8	1.766
2005	182.224	16.281	10	9,8	1.786
2006	184.157	16.748	10,5	10,8	1.989
2007	185.983	17.594	10,7	11,8	2.195
2008	187.698	18.333	11,1	12,8	2.403
2009	189.306	18.060	11	13	2.461
2010	190.733	19.265	11,8	14,9	2.842
2011	193.075	20.073	10,4	13,6	2.626
2012	194.066	21.269	9,9	13,3	2.581
Varição 2000/2012	13,3%	40,9%	-12,4%	20,8%	37,0%

Fonte: adaptado de IEMI (2013)

Notas: (1) Valores a preços de 2012.

(2) Dados estimados em razão dos resultados do Censo do IBGE.

5. ANÁLISE RETROSPECTIVA E DA SITUAÇÃO ATUAL

Este tópico tem por objetivo apresentar o comportamento nos últimos anos de algumas variáveis importantes na indústria têxtil brasileira e nordestina. São disponibilizadas informações dos últimos anos relacionadas à produção física industrial, que reflete a quantidade produzida de manufaturados têxteis, preço médio, nível de utilização da capacidade instalada, mercado de trabalho, comércio exterior, principais itens de custo, vendas e mercado de consumo, dentre outras.

5.1. Produção Física

Entre 2006 e 2013, a produção física (quantidade produzida) na Indústria Têxtil decresceu 20,2% no Brasil e 25,4% no Nordeste. A título de comparação, a Indústria de Transformação brasileira cresceu 10,7% e a nordestina 6,5% no mesmo período (Gráfico 5).

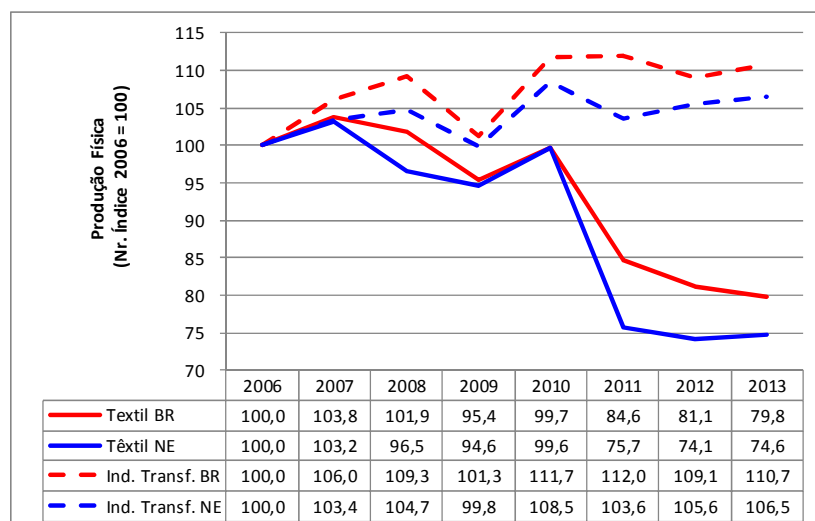


Gráfico 5 – Evolução da produção física da Indústria Têxtil e da Indústria de Transformação – Brasil e Nordeste – 2006-2013 (Nr. índice 2006 = 100)

Fonte: IBGE – Produção Física Industrial

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

A análise setorial mais desagregada da Indústria Têxtil revela que o subsetor de beneficiamento, fiação e tecelagem de fibras naturais (-26,8%) foi o principal responsável pela queda da produção industrial do setor têxtil no Brasil, apesar de se ter verificado redução da produção também nos dois outros subsetores analisados⁵ (Tabela 7).

Tabela 7 - Variação da produção física industrial de subsetores da indústria têxtil - Brasil (Nr. Índice: 2006 = 100)

Subsetores industriais	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Beneficiamento, fiação e tecelagem de fibras têxteis naturais	100,0	98,2	94,8	88,3	92,6	76,8	71,4	73,2
Fiação e tecelagem de fibras artificiais ou sintéticas	100,0	109,7	106,9	109,7	109,9	98,1	87,6	78,5
Outros artefatos têxteis	100,0	107,9	107,5	99,2	104,4	89,4	88,9	86,2

Fonte: IBGE – Produção Física Industrial

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

Os dados do Instituto de Estudos e Marketing Industrial (IEMI) corroboram as estatísticas do IBGE. De fato, segundo o IEMI (2013), o Brasil diminuiu a sua produção de fios (-10,3%), de tecidos (-6,1%) e de malhas (-35,0%) de algodão entre 2008 e 2012. O Nordeste seguiu a tendência nacional, tendo reduzido também a produção física desses produtos, à exceção de tecidos de algodão, que cresceu levemente no período (Gráfico 6). Comportamento similar no país ocorreu com os produtos que utilizam filamentos sintéticos e artificiais. O Centro-Oeste foi a única região que manteve crescimento consistente no período em todos os segmentos da Indústria Têxtil (Tabela 8).

⁵ O IBGE não divulga dados desagregados por subsetores para as regiões e estados. Somente para o Brasil.

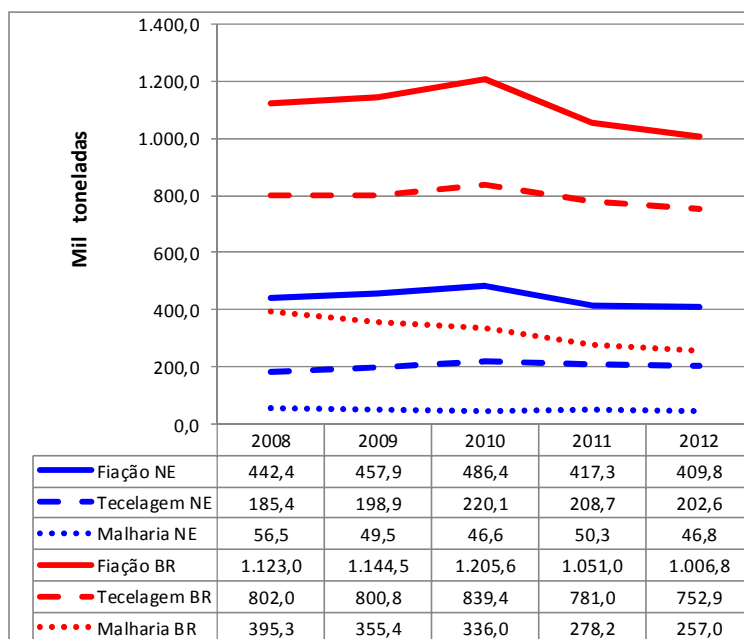


Gráfico 6 – Evolução da produção física dos segmentos da Indústria Têxtil – Brasil e Nordeste – 2008-2012

Fonte: IEMI

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

Tabela 8 - Evolução da produção física dos segmentos da Indústria Têxtil – Brasil e regiões – 2008-2012 (mil toneladas)

Segmento	Ano	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste		Brasil	
		Algodão	Artificiais e sintéticos	Algodão	Artificiais e sintéticos	Algodão	Artificiais e sintéticos	Algodão	Artificiais e sintéticos	Algodão	Artificiais e sintéticos	Algodão	Artificiais e sintéticos
Fiação	2008	0,0	0,0	442,4	43,1	365,1	130,5	302,6	33,2	12,9	0,0	1.123,0	206,8
	2009	0,0	0,0	457,9	45,8	361,2	132,8	309,2	32,2	16,1	0,0	1.144,5	210,8
	2010	0,0	0,0	486,4	52,2	373,8	139,2	323,1	34,6	22,3	0,0	1.205,6	226,0
	2011	0,0	0,0	417,3	42,6	338,3	124,2	258,6	28,9	36,8	0,0	1.051,0	195,8
	2012	0,0	0,0	409,8	43,6	314,1	116,5	244,6	25,4	38,3	0,0	1.006,8	185,5
Tecelagem	2008	1,0	12,7	185,4	49,8	430,5	439,2	165,9	44,9	19,1	0,4	802,0	546,9
	2009	0,5	13,5	198,9	47,6	412,2	415,1	166,5	56,6	22,6	0,3	800,8	533,1
	2010	0,7	11,4	220,1	44,8	402,7	441,9	185,7	69,2	30,2	0,3	839,4	567,7
	2011	0,5	8,2	208,7	40,6	366,0	401,9	169,9	63,0	35,9	0,4	781,0	514,2
	2012	0,5	8,3	202,6	41,8	352,9	410,4	163,0	64,6	34,0	0,4	752,9	525,5
Malharia	2008	5,2	1,2	56,5	3,4	120,5	139,9	202,2	138,7	10,9	0,0	395,3	283,3
	2009	5,0	1,2	49,5	11,0	112,1	152,2	177,7	151,6	11,2	0,3	355,4	316,3
	2010	4,4	1,4	46,6	11,8	106,6	144,6	168,0	143,9	10,5	0,4	336,0	302,0
	2011	3,0	0,9	50,3	8,4	79,0	123,7	132,0	141,5	13,9	0,4	278,2	275,0
	2012	2,7	1,4	46,8	9,1	70,2	125,7	123,3	139,3	14,1	0,9	257,0	276,5

Fonte: IEMI

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

Olhando os dados de forma mais desagregada do ponto de vista geográfico, observa-se que todos os estados representativos na produção física da Indústria Têxtil obtiveram queda expressiva entre 2006 e 2013, com destaque para o Rio de Janeiro (-34,6%). Os estados da área de atuação do BNB do segmento têxtil cujos dados são disponibilizados pelo IBGE também tiveram queda expressiva: Pernambuco (-29,7%), Ceará (-27,5%) e Minas Gerais (-22,2%) (Tabela 9).

Tabela 9 - Variação da produção física industrial - estados representativos da Indústria Têxtil (Nr. Índice: 2006 = 100)

Estados produtores	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Ceará	100,0	96,9	88,6	94,5	92,7	69,7	67,8	72,5
Pernambuco	100,0	106,7	107,5	86,4	100,7	92,6	78,2	70,3
Minas Gerais	100,0	100,1	92,8	82,5	86,1	74,3	75,0	77,8
Rio de Janeiro	100,0	89,6	88,3	72,9	84,0	76,8	66,1	65,4
São Paulo	100,0	105,3	102,0	97,3	102,7	93,1	87,5	87,8
Santa Catarina	100,0	102,2	101,5	97,6	102,0	84,0	84,7	79,3

Fonte: IBGE – Produção Física Industrial

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

Considerando que houve aumento na demanda de produtos têxteis no País e na região nordestina (como se verá mais adiante), em grande parte devido à elevação do poder de compra do salário mínimo, ao aumento real da renda do trabalho e à inserção de maior número de trabalhadores na economia no período considerado, infere-se que houve elevação do *quantum* de produtos têxteis importados. Isto evidencia uma perda de competitividade da Indústria Têxtil nacional ante os produtos congêneres importados. Pode-se afirmar, portanto, que a Indústria Têxtil do Brasil e do Nordeste padece de um problema de competitividade considerando que os dados médios da Indústria de Transformação indicam resultados positivos, embora modestos, para o período analisado (2006-2013).

5.2. Oferta de matérias-primas

O consumo de algodão na Indústria Têxtil nacional e nordestina tem sido suprido principalmente pela produção interna do país, ofertado particularmente pela região de cerrados do Centro-Oeste e do Nordeste. De fato, em 2012, as importações de algodão representaram menos de 1% do consumo observado no segmento de fiação. Para filamentos sintéticos e artificiais, no entanto, as importações são mais expressivas, tendo representado 1/3 do consumo desses produtos pelas empresas de fiação em 2012⁶.

Espera-se o aumento da oferta interna de filamentos sintéticos têxteis com a entrada em operação da Citepe – Companhia Integrada Têxtil de Pernambuco, unidade integrante da Petroquímica Suape (PQS), destinada à produção de poliéster. Quando estiver em plena operação, a previsão é que essa empresa produza⁷:

- Filamento POY (Partially Oriented Yarn): tipo de filamento que se estende com facilidade e que necessita de beneficiamento para ser utilizado em tecelagens e malharias.
- Filamento texturizado DTY (Draw Textured Yarn): produto fabricado a partir do POY, que passa por um processo de estiragem e frisagem para dar volume e maciez ao fio. É usado para fabricação de tecidos e malhas, entre outras aplicações.
- FDY (Full Draw Yarn): tipo de filamento liso usado para algumas aplicações específicas no segmento têxtil, como cortinas e bancos de automóveis.
- Polímeros: matéria-prima para a produção de filamentos POY e FDY, utilizada para diversas aplicações da indústria têxtil.

⁶ As informações de consumo de algodão pela indústria nacional estão disponíveis até o ano 2012. Por esta razão, os dados de participação das importações no consumo de matérias-primas têxteis do Brasil referem-se a 2012.

⁷ Conforme disponível em: <http://www.pqspe.com.br/produto/polimeros-e-filamentos-de-poliester>. Acesso em 28 mar. 2014.

5.3. Nível de Utilização da Capacidade Instalada

A utilização da capacidade instalada (UCI) da Indústria Têxtil brasileira⁸ declinou continuamente entre 2007 e 2013 (exceção 2010), corroborando a queda da sua produção física no período. Em 2013, a indústria têxtil alcançou o menor nível de UCI desde 2006. Como já salientado, considerando o aumento do consumo no país de produtos da indústria têxtil desde 2003 (exceção 2012-13), infere-se que a concorrência estrangeira está tomando espaço dos produtores nacionais no mercado interno. Além disso, embora de menor peso, a diminuição das exportações brasileiras de manufaturados têxteis nos últimos anos tem contribuído para o aumento da ociosidade.

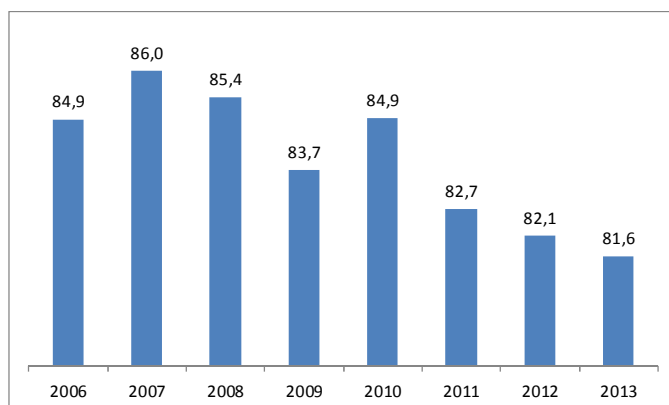


Gráfico 7 - Nível de Utilização da Capacidade Instalada da Indústria Têxtil do Brasil – 2006-2013

Fonte: CNI

Elaboração: ETENE / Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

5.4. Preços médios

Os preços médios da produção nacional dos produtos têxteis tiveram comportamento ascendente entre 2008 e 2012, apesar do recuo nesse último ano. Isto explica a razão pela qual o faturamento do setor aumentou no Brasil e em todas as regiões (exceto Norte), mesmo que modestamente, apesar da queda da produção física.

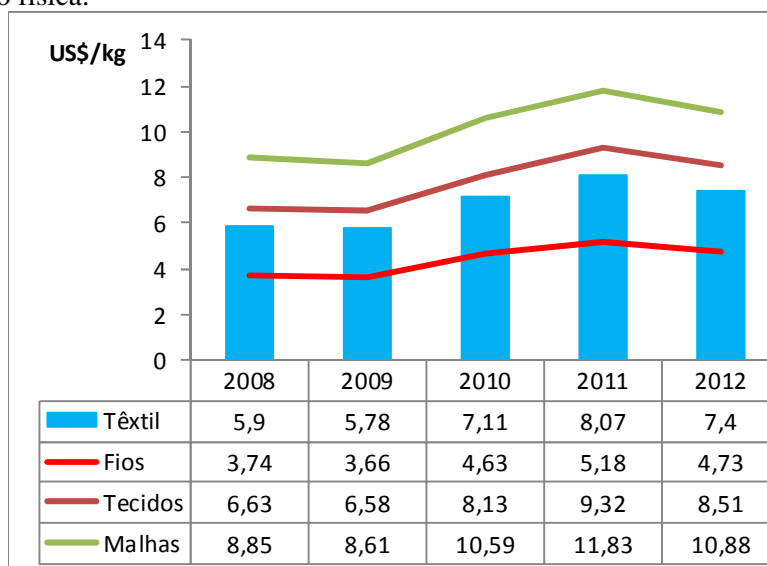


Gráfico 8 - Preços médios dos produtos dos segmentos e da Indústria Têxtil do Brasil – 2008-2012 (US\$/kg)

Fonte: IEMI

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

⁸ Dados não disponíveis para regiões e estados.

5.5. Custos de produção

De acordo com o IEMI (2003), as matérias-primas, a mão de obra e a energia elétrica são itens expressivos no custo de produção dos segmentos da Indústria Têxtil (Tabela 10).

Tabela 10: Estrutura de custos das empresas filiadas ao Sinditêxtil-CE

Itens de Custo	Fiação	Tecelagem	Malharia
Matérias-primas	59,20%	49,60%	58,40%
Produtos químicos	0,00%	3,70%	6,00%
Embalagens	2,00%	0,80%	1,10%
Energia elétrica	6,90%	8,10%	2,90%
Mão de obra	9,70%	14,20%	10,00%
Impostos	10,00%	15,00%	12,00%
Despesas financeiras	5,40%	0,80%	1,10%
Outros custos	6,80%	7,80%	8,50%
Total	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: IEMI (2003)

5.5.1. Custo de matérias-primas

O preço do algodão em pluma, principal insumo da Indústria Têxtil brasileira, tem apresentado tendência de alta a partir de outubro de 2012 até fevereiro de 2014 (Gráfico 9). O preço médio de 2013, comparado ao de 2012, elevou-se 19,2% enquanto o preço médio de jan-fev/14 registrou aumento de 18,1% frente à média de jan-fev/13, em valores atualizados.

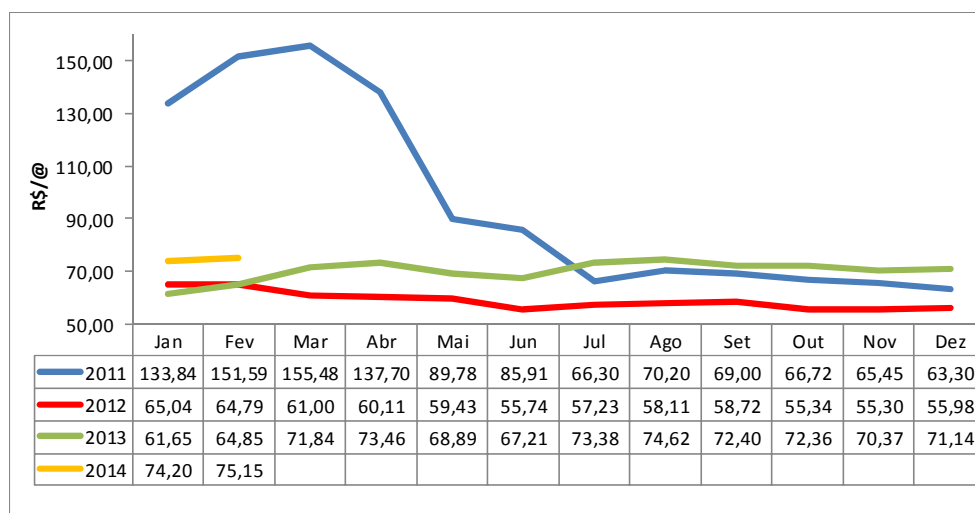


Gráfico 9 - Evolução do preço do algodão em pluma – médias mensais jan/2011 – fev/2014 (R\$/arroba de 15 kg)

Fonte: Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA)/Esalq

Nota: Valores deflacionados pelo IGP-DI para fevereiro/2014

Segundo a Associação Brasileira da Indústria Química, o preço médio das resinas termoplásticas avançou 19,4% no comparativo interanual de jan-dez13/jan-dez14 e 16,0% no acumulado do ano (dez13/dez12).

5.5.2. Custo de mão de obra

O custo da mão de obra na Indústria Têxtil elevou-se também nos últimos anos. Em valores atualizados, o custo da mão de obra cresceu 17,3% no Brasil e 15,4% no Nordeste entre 2006 e 2012.

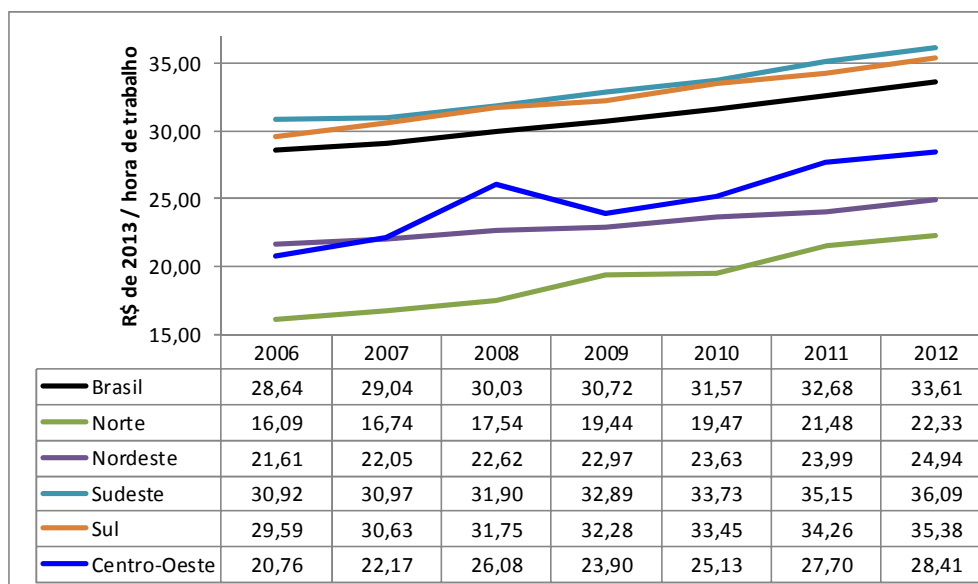


Gráfico 10 - Evolução do custo médio da hora de trabalho contratada na Indústria Têxtil - Brasil e Regiões - 2006-2012

Fonte: MTE/RAIS

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

Nota: valores reajustados para 2013 pelo IPCA anual médio.

5.5.3. Custo de energia elétrica

O valor da tarifa industrial média de energia elétrica decresceu 23,2% no Brasil, em termos reais, nos últimos anos, passando de R\$ 390,40/MWh em 2009 para R\$ 299,99/MWh em 2013. Nesse mesmo período, a tarifa industrial média de energia elétrica do Nordeste caiu, em média, 20,1%. A menor tarifa em 2013 na região foi cobrada pela Sulgipe - Companhia Sul Sergipana de Eletricidade (R\$ 217,40) e a maior pela Cemar - Companhia Energética do Maranhão (R\$332,13) (Tabela 11).

Tabela 11 – Evolução do preço médio da tarifa industrial de energia elétrica com tributos – Brasil e Regiões – 2006-2013 (R\$ / MWh)

BRASIL, REGIÃO / EMPRESA DE ENERGIA	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
BRASIL	419,12	421,28	386,31	390,40	377,32	372,63	369,51	299,99
SUL	390,27	401,76	382,68	382,48	383,13	382,67	376,64	298,04
SUDESTE	427,77	434,39	389,87	403,02	388,38	374,59	367,00	306,59
CENTRO-OESTE	474,44	444,11	401,86	394,94	381,96	369,12	362,45	303,89
NORTE	439,92	404,79	399,22	409,23	303,65	345,45	364,53	285,21
NORDESTE	421,07	409,70	370,54	358,46	359,68	357,89	367,57	286,49
CEAL - COMPANHIA ENERGÉTICA DE ALAGOAS	343,86	318,33	318,56	324,64	283,32	290,00	277,55	221,14
CELB - COMPANHIA ENERGÉTICA DA BORBOREMA	277,33	281,90	255,59					
CELPE - COMPANHIA ENERGÉTICA DE PERNAMBUCO	455,06	452,30	413,46	416,57	403,69	392,85	409,77	325,67
CEMAR - COMPANHIA ENERGÉTICA DO MARANHÃO	421,86	433,86	454,79	445,87	423,72	413,79	419,82	332,13
CEPISA - COMPANHIA ENERGÉTICA DO PIAUÍ	457,04	440,78	410,82	390,00	372,21	373,17	394,03	319,16
CERCOS - COOPERATIVA DE ELETRIFICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO RURAL CENTRO SUL DE SERGIPE LTDA			556,90	428,81	397,77	399,32	373,18	313,52
COELBA - COMPANHIA DE ELETRICIDADE DO ESTADO DA BAHIA	419,56	423,34	344,29	318,15	322,00	328,46	349,92	262,21
COELCE - COMPANHIA ENERGÉTICA DO CEARÁ	466,68	402,19	403,17	396,80	413,09	417,99	399,82	313,55
COSERN - COMPANHIA ENERGÉTICA DO RIO GRANDE DO NORTE	357,21	365,51	321,91	315,84	354,26	325,84	343,74	282,44
EBO - ENERGISA BORBOREMA – DISTRIBUIDORA DE ENERGIA S.A.			269,16	288,30	293,04	321,54	330,20	268,81
ENERGIPE - EMPRESA ENERGÉTICA DE SERGIPE S/A.		381,77	352,89					
EPB - ENERGISA PARAÍBA - DISTRIBUIDORA DE ENERGIA			395,24	390,05	359,37	360,16	359,04	283,49
ESE - ENERGISA SERGIPE - DISTRIBUIDORA DE ENERGIA S.A.			333,96	328,96	330,11	343,78	369,44	295,85
SAELPA - SAELPA S/A DE ELETRIFICAÇÃO DA PARAÍBA	426,11	414,99	366,65					
SULGIPE - COMPANHIA SUL SERGIPANA DE ELETRICIDADE	374,83	375,00	377,79	353,44	325,59	312,51	337,06	217,40

Fonte: ANEEL

Nota: Valores deflacionados para 2013 pelo IPCA anual médio

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

5.6. Mercado de Trabalho

A queda da produção física da Indústria Têxtil observada nos últimos anos repercutiu no mercado de trabalho. Apesar do pico de 2010, quando somou 312,7 mil postos formais de trabalho, a Indústria Têxtil brasileira apresentou tendência de queda no emprego entre 2007 e 2009 e entre 2010 e 2013 (Gráfico 11). Contrastando com a evolução do emprego, o número de estabelecimentos cresceu continuamente entre 2006 e 2012, diminuindo o tamanho médio das unidades produtivas de 34 para 29 empregados formais por estabelecimento. Considerando o aumento da demanda de produtos da Indústria Têxtil observada desde 2003 (exceto 2011 e 2012), infere-se que a concorrência dos produtos têxteis estrangeiros impediu o crescimento sustentado dessa atividade no Brasil.

Observa-se, em anos recentes, uma leve tendência de queda na participação do Sudeste no número de estabelecimentos e também no número de postos formais de trabalho na Indústria Têxtil brasileira. De fato, entre 2006 e 2012, essa região perdeu 4,9% de participação no número de estabelecimentos e 4,4% na quantidade de postos de trabalho. Enquanto isso, o Nordeste, o Sul e o Centro-Oeste cresceram nesses indicadores.

No caso do Nordeste, a participação da região no número total de estabelecimentos da indústria têxtil do Brasil cresceu 2,1% entre 2006 e 2012. No emprego, a participação nordestina no total da Indústria Têxtil do país tem-se mantido relativamente estável no período, embora tenha melhorado 0,5% em 2012 e 2013 ante a média de 2007 a 2011. Desta forma, deduz-se que houve uma maior redução do tamanho médio dos estabelecimentos nordestinos em relação aos de outras regiões.

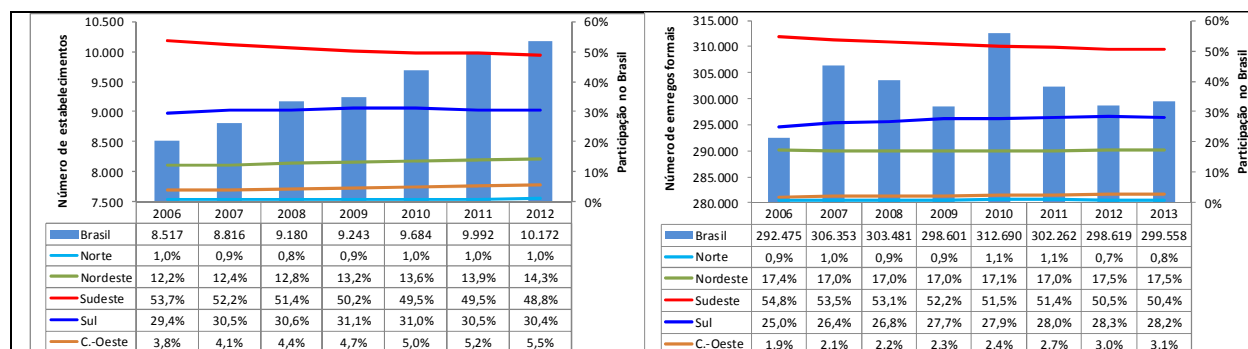


Gráfico 11 - Evolução no número de estabelecimentos e do emprego formal na Indústria Têxtil – Brasil e Regiões – 2006 a 2013

Fonte: MTE/RAIS (2006-2012) e CAGED (2013)

Notas: Estabelecimentos com pelo menos 1 vínculo ativo em 31/12; dados de estabelecimentos não disponíveis para 2013.

Elaboração: Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação.

Observando os dados de emprego da Indústria Têxtil de forma mais desagregada do ponto de vista espacial, particularmente para os estados da área de atuação do BNB, observa-se que no período de 2006 a 2013, os Estados que obtiveram ganhos mais expressivos no número de empregos foram: Bahia (1.895; 31,8%), Ceará (1.163; 7,7%) e Pernambuco (1.112; 21,6%). Por outro lado, Rio Grande do Norte (-3.601; -37,4%) e Norte de Minas Gerais (-1.434; -22,5%) tiveram perda expressiva de postos de trabalho nessa indústria (Tabela 12).

Tabela 12 - Evolução do número de empregos formais na indústria têxtil dos estados da área de atuação do BNB – 2006-2013

Unidade Geográfica	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Maranhão	302	326	321	282	283	250	245	234
Piauí	154	241	342	414	182	175	166	152
Ceará	15.099	15.913	16.215	17.290	17.791	16.852	17.050	16.262
Rio Grande do Norte	9.640	9.833	8.934	8.145	7.908	6.551	6.055	6.039
Paraíba	8.890	9.128	8.289	8.604	9.068	8.586	9.295	9.779
Pernambuco	5.160	5.611	5.893	5.305	6.003	6.112	6.635	6.272
Alagoas	1.242	982	986	956	642	683	750	725
Sergipe	4.405	4.393	4.156	3.792	4.446	4.422	4.282	4.345
Bahia	5.959	5.690	6.323	6.044	7.242	7.617	7.881	7.854
NORDESTE	50.851	52.117	51.459	50.832	53.565	51.248	52.359	51.662
Norte Minas Gerais*	6.360	6.703	5.376	4.881	5.134	4.777	4.734	4.926
Norte Espírito Santo*	563	439	443	491	422	411	528	550
TOTAL ÁREA DE ATUAÇÃO BNB	57.774	59.259	57.278	56.204	59.121	56.436	57.621	57.138

Fonte: MTE/RAIS e CAGED

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

Nota: * Apenas municípios da área de atuação do BNB

5.7. Vendas de produtos têxteis

A queda da produção física da indústria têxtil no Brasil e no Nordeste entre 2006 e 2013 está na contramão da evolução das vendas no mercado varejista no país e na região. Enquanto a produção física decresceu nesse período, as vendas de tecidos, vestuário e calçados no comércio varejista evoluíram 38,3% no Brasil, 36,3% no Ceará, 46,4% em Pernambuco e 61,2% na Bahia, estados representativos do Nordeste⁹ (Gráfico 12).

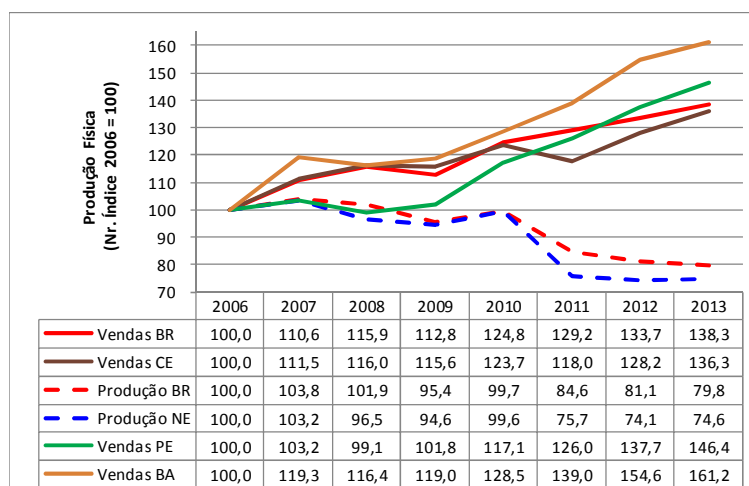


Gráfico 12 - Produção Física da Indústria Têxtil versus Volume de Vendas no Comércio Varejista das atividades de tecidos, vestuário e calçados (Número índice: 2006 = 100)

Fonte: IBGE – Produção Física Industrial e Pesquisa Mensal de Comércio

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

5.8. Câmbio

O câmbio é uma das variáveis que afeta a competitividade dos produtos têxteis brasileiros tanto no mercado doméstico quanto no mercado externo. Quando o câmbio está desvalorizado (mais reais para comprar 1 dólar), por exemplo, torna-se mais difícil a importação ao tempo em que facilita a exportação, o contrário ocorrendo quando a moeda nacional está valorizada (menos reais para comprar 1 dólar). Observando os dados do Gráfico 13, é possível verificar a influência do câmbio nas exportações brasileiras e nordestinas de têxteis. De um modo geral, quando a moeda brasileira se aprecia (menos reais para comprar 1 dólar), a tendência é de as exportações diminuírem.

Entre 2006 e 2011, à exceção de 2009, houve contínua apreciação do real frente ao dólar, contribuindo para a redução das exportações de manufaturados têxteis do Brasil e do Nordeste. A partir de 2011, embora a moeda brasileira esteja se desvalorizando, as exportações estão diminuindo, o que é uma sinalização de perda de competitividade da indústria têxtil brasileira e nordestina no mercado internacional. No entanto, sendo a tendência do câmbio manter e até aumentar a desvalorização do real, acredita-se na melhoria das exportações nos próximos meses. Caso isto se configure, as importações de têxteis manufaturados tendem a diminuir, como já se observou inclusive a partir de 2011 para o Brasil e a partir de 2012 para o Nordeste. (Gráfico 13).

Câmbio vs. Exportações	Câmbio vs. Importações
------------------------	------------------------

⁹ Os dados de vendas no varejo não estão disponíveis para os produtos têxteis isoladamente. O IBGE não divulga dados para o Nordeste, apenas para os três estados da região citados.

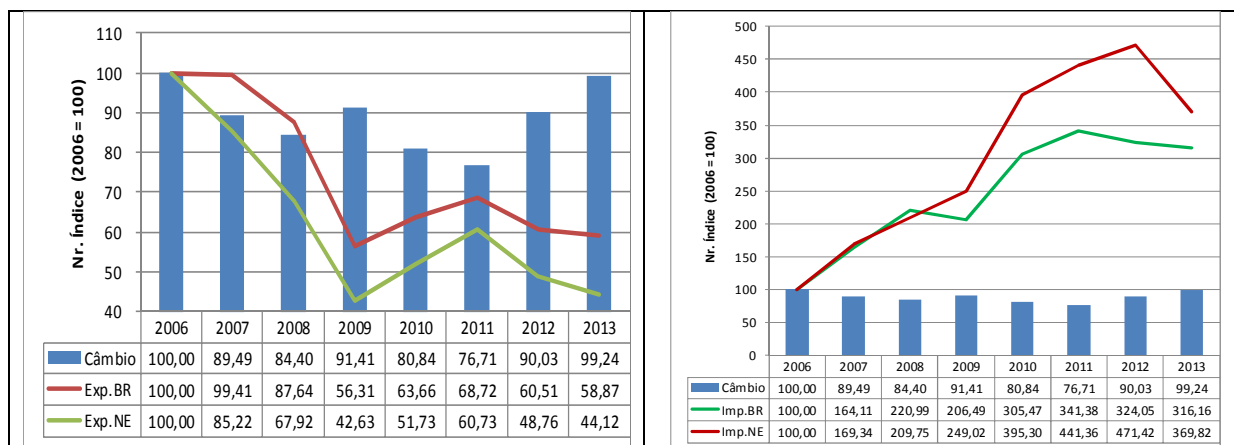


Gráfico 13 - Evolução do câmbio versus exportações e importações do Brasil e do Nordeste de produtos têxteis manufaturados (Nr. Índice: 2006= 100)

Fonte: Banco Central do Brasil e MDIC/AliceWeb

Nota: No gráfico, quanto maior a barra azul maior a depreciação do real frente ao dólar. Quanto mais depreciada a moeda nacional, mais fácil se torna exportar. O contrário ocorre com as importações.

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

5.9. Comércio Exterior

De uma balança comercial superavitária no comércio exterior de produtos industriais têxteis até 2005, o Brasil passou a ter déficits a partir de 2006, totalizando –US\$ 1,87 bilhão no ano de 2013. O contrário ocorreu com as matérias-primas têxteis, cuja balança comercial era deficitária de 2002 até 2007 (exceto 2005) para se tornar superavitária a partir de 2008. Aconteceu algo similar com o Nordeste, sendo a região superavitária de 2002 até 2009 (exceto 2007) em produtos da indústria têxtil e deficitária a partir de 2010, caso contrário das matérias-primas têxteis: deficitária em 2002 e superavitária nos anos seguintes da série analisada (Gráfico 14).

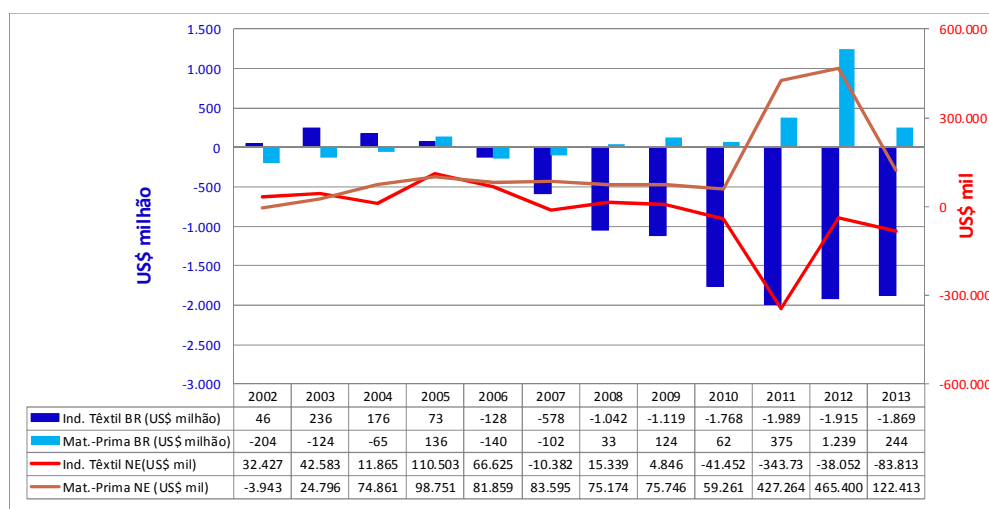


Gráfico 14 - Evolução da balança comercial brasileira e nordestina de produtos têxteis – 2002-2013

Fonte: MDIC/AliceWeb

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação.

A diminuição das exportações brasileiras e nordestinas de produtos industrializados têxteis ao lado do aumento de suas importações revela perda de competitividade ante os fabricantes externos, causada, em parte, pela apreciação da moeda brasileira, embora se observe existir problemas estruturais (como questões logísticas) na indústria têxtil nacional e regional que dificultam os produtores do país concorrerem de forma competitiva nos mercados internacional e doméstico (Gráfico 15 e Gráfico 16).

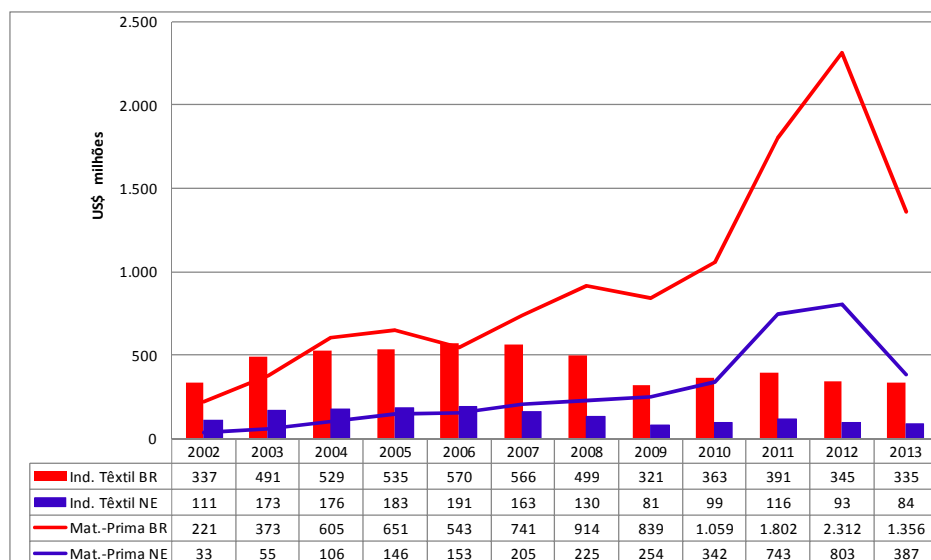


Gráfico 15 - Evolução das exportações brasileiras e nordestinas de produtos têxteis – 2002-2013

Fonte: MDIC/AliceWeb

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação.

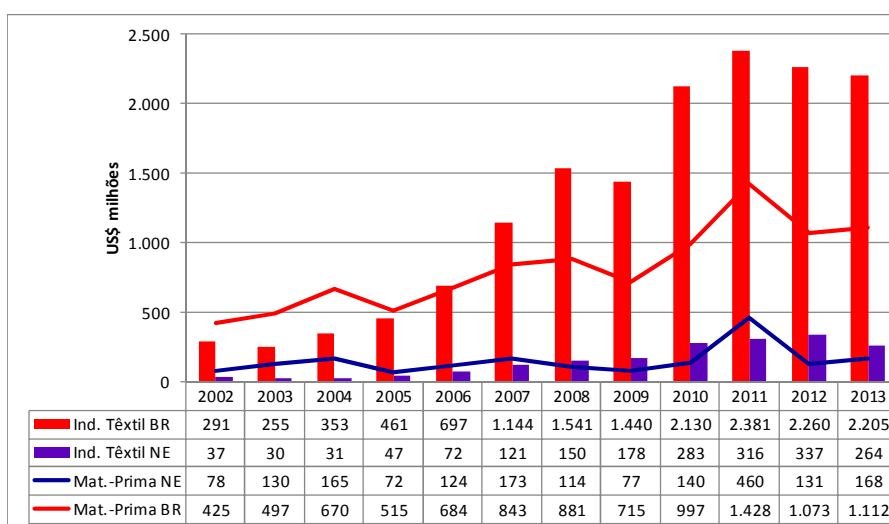


Gráfico 16 - Evolução das importações brasileiras e nordestinas de produtos têxteis – 2002-2013

Fonte: MDIC/AliceWeb

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação.

A Tabela 13 e a Tabela 14 apresentam em detalhes os valores monetários (US\$) e físicos (kg) dos produtos têxteis (inclusive matérias-primas) e confeccionados exportados e importados da região Nordeste. Cabe registro a queda expressiva do valor e do peso das exportações verificada entre 2012 e 2013. Observa-se que os preços unitários de fios e tecidos tem apresentado tendência de crescimento entre 2009 e 2013. Cabe registro também a diferença de preços unitários médios entre os produtos similares exportados e importados, sendo estes últimos significativamente inferiores, o que é um indício da falta de competitividade em preço no mercado internacional ou especialização do Nordeste em produtos de maior valor agregado.

Tabela 13 - Exportações nordestinas de matérias-primas e produtos têxteis e confeccionados – 2011-2013

Segmento	2011			2012			2013		
	Valor (US\$ 1.000)	Peso (1.000 Kg)	US\$/kg	Valor (US\$ 1.000)	Peso (1.000 Kg)	US\$/kg	Valor (US\$ 1.000)	Peso (1.000 Kg)	US\$/kg
Matérias-primas têxteis	742.657	367.718	2,02	802.249	412.374	1,95	386.564	217.842	1,77
Algodão	705.555	325.586	2,17	764.088	372.778	2,05	357.068	187.894	1,90
Outras fibras naturais	30.734	39.100	0,79	32.467	36.107	0,90	28.961	29.645	0,98
Filamentos sintéticos/Artificiais	6.367	3.032	2,10	5.694	3.489	1,63	535	303	1,77
Indústria Têxtil	116.312	23.173	5,02	93.463	17.809	5,25	84.653	15.870	5,33
Fios/linhas	13.998	9.257	1,51	10.358	6.456	1,60	10.367	5.887	1,76
de algodão	480	47	10,28	370	30	12,49	486	44	11,14
de outras fibras naturais	13.444	9.204	1,46	9.929	6.423	1,55	9.822	5.833	1,68
sintéticos/artificiais	75	6	11,78	59	3	23,40	59	11	5,36
Tecidos	102.313	13.916	7,35	83.104	11.353	7,32	74.286	9.983	7,44
planos de algodão	92.783	11.985	7,74	71.999	9.508	7,57	69.430	9.222	7,53
de malha	271	30	8,90	110	9	11,83	93	10	9,40
outros	9.259	1.901	4,87	10.995	1.835	5,99	4.764	751	6,35
Indústria de confecção	113.342	38.873	2,92	96.512	35.817	2,69	79.362	28.718	2,76
Vestuário de malha	9.675	157	61,76	5.647	112	50,26	3.282	73	44,74
Vestuário exceto de malha	5.701	94	60,97	5.429	79	68,79	4.346	85	51,02
Outras manufaturas	97.966	38.623	2,54	85.435	35.626	2,40	71.734	28.560	2,51
Total cadeia têxtil	972.310	23.161	41,98	93.170	17.797	5,24	84.320	15.856	5,32

Fonte: MDIC/AliceWeb

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

Tabela 14 - Importações nordestinas de matérias-primas e produtos têxteis e confeccionados (valor em US\$ 1.000 e peso em 1.000kg)

Segmento	2011			2012			2013		
	Valor (1.000 US\$)	Peso (1.000 Kg)	US\$/Kg	Valor (1.000 US\$)	Peso (1.000 Kg)	US\$/Kg	Valor (1.000 US\$)	Peso (1.000 Kg)	US\$/Kg
Matérias-primas têxteis	459.816	164.028	2,80	128.576	47.658	2,70	147.995	61.135	2,42
Algodão	328.239	122.567	2,68	7.036	5.692	1,24	33.590	18.495	1,82
Viscose	6.839	2.302	2,97	7.139	3.011	2,37	6.643	2.815	2,36
Outras	2.325	731	3,18	2.364	664	3,56	3.193	1.368	2,33
Filamentos sintéticos/Artificiais	122.413	38.427	3,19	112.039	38.290	2,93	104.569	38.457	2,72
Indústria têxtil	315.624	79.888	3,95	339.786	87.315	3,89	284.623	81.104	3,51
Fios/Linhas	57.300	16.617	3,45	100.364	30.932	3,24	91.480	35.367	2,59
de algodão	7.102	2.410	2,95	3.037	948	3,20	4.243	2.040	2,08
de outras fibras naturais	249	3,39	73,60	974	88,19	11,05	451	216	2,09
sintéticos/artificiais	49.948	14.203	3,52	96.353	29.895	3,22	86.786	33.111	2,62
Tecidos	258.325	63.272	4,08	239.423	56.384	4,25	193.143	45.737	4,22
algodão	59.188	11.759	5,03	51.086	8.735	5,85	24.647	3.556	6,93
malha	74.853	17.729	4,22	76.466	17.288	4,42	67.640	15.584	4,34
outros	124.284	33.783	3,68	111.870	30.361	3,68	100.856	26.597	3,79
Indústria de Confeção	121.648	23.954	5,08	147.256	22.535	6,53	158.050	22.909	6,90
Vestuário de malha	26.642	1.839	14,49	40.266	3.241	12,42	42.914	2.904	14,78
Vestuário exceto de malha	21.715	1.333	16,29	35.467	2.221	15,97	38.411	2.429	15,81
Outras manufaturas	73.290	20.781	3,53	71.524	17.073	4,19	76.726	17.576	4,37
Total da cadeia têxtil	897.088	267.870	3,35	615.619	157.508	3,91	590.668	165.148	3,58

Fonte: MDIC/AliceWeb

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação.

A Tabela 15 e a Tabela 16 apresentam os dados dos principais países destinos das exportações e os países de origem das importações de produtos têxteis dos Estados do Nordeste. Observa-se que a Bahia se sobressai com 79,8% do total, seguido do Ceará com 11,2%. Ressalta-se que a Bahia exporta essencialmente algodão e o Ceará produtos manufaturados. Os países asiáticos, particularmente a China, são os principais países compradores de produtos têxteis do Nordeste, sendo transacionado essencialmente algodão. Dos países mencionados, apenas a Argentina figura como um importador significativo de produtos manufaturados têxteis. No caso das importações do Nordeste de têxteis, sobressaem-se os produtos manufaturados da Indústria Têxtil e da Indústria de Confecção provenientes principalmente da Ásia.

5.10. Outras variáveis

O **Valor da Transformação Industrial (VTI)** representa a diferença entre o que a indústria produziu e o que consumiu. Indica, portanto, quanta riqueza a indústria agregou diretamente à economia. Em 2011, o VTI da Indústria Têxtil brasileira foi de R\$ 16,6 bilhões, sendo o Sudeste responsável por cerca de metade desse montante. Entre 2007 e 2011, o crescimento do VTI do Brasil foi de 10,2% enquanto o do Nordeste (19,2%) foi quase o dobro do país (Anexo I).

O **Valor Bruto da Produção Industrial (VBPI)** é a soma do VTI mais o total dos custos com operações industriais. Ou seja, o VBPI representa o que foi agregado à economia acrescido dos custos industriais incorridos na produção. Entre 2007 e 2011, observa-se que o crescimento do VBPI da Indústria Têxtil do Brasil foi modesto (7,3%), no entanto, considerando a perda de produção física no período, demonstra que o país produziu produtos têxteis de maior valor agregado. Analisando os dados do Anexo I de forma desagregada por região, constata-se que o resultado do VBPI da Indústria Têxtil brasileira foi influenciado pelo Sul (21,1%), já que o peso do Centro-Oeste é relativamente pequeno.

Os **salários, retiradas e outras remuneração** é um índice do impacto social direto gerado pela indústria. Representa a parcela da agregação de valor destinada aos trabalhadores. Em 2011, a Indústria Têxtil foi responsável pela geração de R\$ 5,8 bilhões em renda do trabalho, representando 35% do VTI e 15% do total de custos e despesas.

A disponibilização das informações das variáveis de receitas e de custos constantes do Anexo I possibilita conhecer o desempenho da Indústria Têxtil no país assim com nos estados e nas regiões.

Tabela 15 - Destino das exportações de produtos têxteis do Nordeste por estado (média do período 2009-2013) – US\$ 1.000 FOB

UF/Região	China	Coreia do Sul	Indonésia	Argentina	Turquia	Vietnã	Tailândia	Taiwan (Formosa)	Malásia	Paquistão	Estados Unidos	Portugal	Outros	Total UF	% NE
AL	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,0	8,4	8,7	0,0%
BA	142.409,5	84.130,2	72.678,3	4.564,4	25.340,5	22.143,8	20.698,2	15.990,7	14.466,8	11.407,7	10.118,9	9.100,3	46.116,9	479.166,0	79,8%
CE	4,8	0,0	0,0	29.247,2	58,7	95,5	0,0	0,0	0,0	0,0	354,3	15,6	37.613,3	67.389,3	11,2%
MA	8.649,3	5.346,3	5.965,0	468,8	704,5	872,5	1.688,2	746,2	1.105,8	1.144,8	100,7	94,8	1.500,7	28.387,7	4,7%
PB	0,0	0,0	0,0	410,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	529,1	939,8	0,2%
PE	11,7	0,0	0,0	8.111,4	3.338,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,0	516,5	11.978,3	2,0%
PI	895,0	1.103,3	1.486,0	61,7	827,9	146,1	418,2	546,1	187,9	469,4	0,0	8,3	468,9	6.618,8	1,1%
RN	2,3	0,0	0,0	2.367,7	2,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,5	0,0	2.308,3	4.681,7	0,8%
SE	0,0	0,0	0,0	417,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	816,3	1.234,1	0,2%
NE	151.972,6	90.579,8	80.129,3	45.649,8	30.272,9	23.257,8	22.804,5	17.283,0	15.760,5	13.021,9	10.575,0	9.218,9	89.878,4	600.404,4	100,0%
% NE	25,3%	15,1%	13,3%	7,6%	5,0%	3,9%	3,8%	2,9%	2,6%	2,2%	1,8%	1,5%	10,8%	100,0%	

Fonte: MDIC/Aliceweb

Nota: os dados da tabela incluem matérias-primas e produtos manufaturados têxteis e confeccionados.

Elaboração: ETENE/Célula de Estudos e Pesquisas

Tabela 16 - Origem das importações de produtos têxteis do Nordeste por estado (média do período 2009-2013) – US\$ 1.000 FOB

País Destino	AL	BA	CE	MA	PB	PE	PI	RN	SE	NORDESTE	% Total
China	24.816	4.251	42.075	7	58.984	47.801	351	8.119	2.330	188.735	40,1%
Estados Unidos	0	8.143	35.206	3	30.144	4.042	2	1.632	1.257	80.429	17,1%
Argentina	0	32.300	7.389	0	1.068	275	0	331	0	41.363	8,8%
Índia	232	4.464	18.995	0	611	8.232	0	148	4.652	37.334	7,9%
Indonésia	21	431	21.466	0	1.415	2.819	0	18	3.717	29.887	6,3%
Turquia	0	1.675	9.876	0	605	1.479	1	7	260	13.902	3,0%
Taiwan (Formosa)	1.085	1.083	4.919	0	1.817	3.695	0	47	790	13.435	2,9%
Tailândia	142	30	7.414	0	144	938	0	122	624	9.413	2,0%
Coreia do Sul	3.161	1.567	1.221	0	652	317	18	95	415	7.444	1,6%
Paraguai	9	79	4.361	0	0	0	0	882	0	5.331	1,1%
Hong Kong	182	0	51	0	4.411	335	0	36	203	5.219	1,1%
Egito	0	6	191	0	426	0	0	3.954	0	4.577	1,0%
Vietnã	0	714	2.601	0	73	237	0	263	379	4.266	0,9%
Outros	1.330	4.347	14.788	0	2.418	2.529	0	1.269	2.812	29.493	6,3%
Total UF	30.977	59.090	170.553	10	102.769	72.698	372	16.922	17.437	470.829	100,0%
% NE	6,6%	12,6%	36,2%	0,0%	21,8%	15,4%	0,1%	3,6%	3,7%	100,0%	

Fonte: MDIC/Aliceweb

Nota: (1) - Corresponde à soma de fibras e dos segmentos industriais de fiação, tecelagem e malharia.

Elaboração: ETENE/Célula de Estudos e Pesquisas

6. COMPETITIVIDADE

Como destacam Coutinho et al. (1995), o desempenho competitivo de uma empresa, indústria ou nação é condicionado por um vasto conjunto de fatores, que pode ser subdividido naqueles internos à empresa, nos de natureza estrutural, pertinentes aos setores e complexos industriais, e nos de natureza sistêmica. Neste tópico, analisa-se a competitividade da indústria têxtil dos estados e da região Nordeste de forma comparativa aos demais entes da federação com alguma expressividade na indústria têxtil, recorrendo-se, para tanto, a um conjunto de variáveis agrupadas em indicadores de desempenho, de eficiência e de capacitação.

6.1. Indicadores de desempenho

Os indicadores de desempenho setorial utilizados nesta análise buscam identificar o comportamento da participação do estado ou da região no mercado nacional e nas vendas externas do país. Considera-se que um estado é mais competitivo do que outro em uma determinada indústria se ele consegue aumentar sistematicamente a sua participação no mercado de um determinado conjunto de produtos.

Utilizando-se dados da Pesquisa Industrial Anual – Empresas do IBGE e do Ministério da Indústria e Comércio (MDIC) / Aliceweb, construiu-se a Tabela 17, com informações do desempenho das regiões e dos estados nas vendas e exportações do setor industrial têxtil.

Entre 2007-2011, os estados que se destacaram no aumento de participação nas receitas totais líquidas (ou receita operacional líquida – ROL) da Indústria Têxtil do Brasil foram Mato Grosso do Sul (39,6%), Rio Grande do Sul (30,4%), Santa Catarina (25,4%) e Ceará (23,3%). Salienta-se, no entanto, que a participação de Mato Grosso do Sul (1,8%) e do Rio Grande do Sul (3,9%) nas vendas da Indústria Têxtil brasileira são modestas. Do Nordeste, figuram ainda com desempenho positivo Sergipe (3,9%) e Bahia (3,8%). Os demais estados nordestinos que possuem alguma expressão na atividade têxtil apresentaram desempenho negativo, reduzindo suas participações nas receitas totais. Em termos regionais, destaca-se o forte crescimento do Sul (22,3%) e do Centro-Oeste (20,0%), este último puxado principalmente por Mato Grosso do Sul.

As exportações de produtos manufaturados têxteis do Brasil representam menos de 2% do total de suas vendas líquidas. Ou seja, o mercado interno absorve mais de 98% das vendas da indústria têxtil do país. Concernente às exportações, o Rio Grande do Norte deu um salto entre 2009 e 2013, crescendo, em média, quase 60% ao ano, embora a sua participação nas exportações nacionais seja pequena (3,8%). Os demais estados nordestinos tiveram desempenho negativo no período. Cabe ainda destacar o desempenho do Paraná e (66,9%) e de Santa Catarina (51,1%). Atribui-se o desempenho positivo do Brasil (4,8%) ao Nordeste (3,7%) e principalmente ao Sul (31,0%), já que as demais regiões tiveram resultado negativo no período.

Considerando a pouca relevância das exportações nas vendas líquidas da indústria têxtil, pode-se atribuir às empresas das regiões Sul e Centro-Oeste um maior nível de competitividade no que concerne aos indicadores de desempenho. Em termos estaduais, o Ceará tem tido sucesso no aumento de sua participação nas vendas da indústria de têxteis nacional e, em menor nível, Sergipe e Bahia, considerando o período de 2007 a 2011.

Tabela 17 - Indicadores de desempenho da Indústria Têxtil – Brasil, Regiões e UFs¹⁰

Unidade Geográfica	Receitas líquidas de vendas			Exportações de fios, linhas e tecidos		
	Valor em 2011 (R\$ milhões)(*)	Variação 2007-2011	Ran king	Valor em 2013 (US\$ milhões)	Variação 2009-2013	Ran king
Brasil	40.617	6,3%		337,2	4,8%	
Regiões (**)						
Norte	95	-17,7%	5	0,0	-	
Centro-Oeste	1.438	20,0%	2	2,0	-11,4%	4
Sul	11.488	22,3%	1	96,8	31,0%	1
Sudeste	21.215	0,3%	3	153,7	-6,2%	3
Nordeste	6.354	0,2%	4	84,7	3,7%	2
Estados (***)						
Mato Grosso do Sul	729	39,6%	1	2,0	-8,6%	7
Rio Grande do Sul	1.575	30,4%	2	25,1	-14,2%	8
Santa Catarina	7.879	25,4%	3	26,9	51,1%	3
Ceará	2.176	23,3%	4	56,1	-2,7%	4
Mato Grosso	418	14,9%	5	-	-	
Paraná	2.034	6,6%	6	44,9	66,9%	2
Sergipe	640	3,9%	7	-	-	
Bahia	1.132	3,8%	8	10,3	-25,6%	9
São Paulo	16.672	3,3%	9	98,2	-3,0%	5
Minas Gerais	3.633	-5,5%	10	49,3	-8,2%	6
Goiás	291	-6,9%	11	-	-	
Paraíba	885	-7,7%	12	-	-	
Pernambuco	543	-10,7%	13	4,1	-35,2%	11
Rio Grande do Norte	898	-16,4%	14	13,0	646,2%	1
Espírito Santo	200	-18,9%	15	-	-	
Rio de Janeiro	709	-22,8%	16	4,7	-30,0%	10

Fontes: IBGE - Pesquisa Industrial Anual - Empresa; MDIC/AliceWeb

Notas:

(*) Valores reajustados para 2013 pelo IPCA anual médio.

(**) Pequena diferença entre o somatório das regiões e o Brasil deve-se aos valores de UFs (AP, AC e DF) omitidos pelo IBGE

(***) Somente apresentados valores de UFs com receitas líquidas de vendas superiores a R\$ 100 milhões (2011) e exportações superiores a US\$ 2 milhões (2013).

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

6.2. Indicadores de eficiência

Os indicadores de eficiência setorial utilizados nesta análise buscam averiguar o desempenho de algumas variáveis relativas ao custo de produção e à produtividade da indústria têxtil, possibilitando averiguar quais estados podem concorrer competitivamente através de preços mais baixos, ou seja, com liderança em custos. Por haver produtos muito distintos ofertados pela indústria têxtil, a análise agregada aqui realizada pode não constatar a competitividade em nichos de mercado, muito comum em empresas que adotam estratégias de diferenciação e enfoque.

Como já frisado anteriormente, as matérias-primas, basicamente algodão e filamentos sintéticos, são os principais itens de custo na indústria têxtil, representando, em geral, 40% ou mais do custo total. Remuneração da mão de obra e energia elétrica são outros dois itens representativos dessa indústria.

Apesar do aumento expressivo dos custos da mão de obra, como já discutido, observa-se que a Indústria Têxtil conseguiu minimizar a sua influência no total de custos e despesas. De fato, enquanto a

¹⁰ A variável receitas líquidas de vendas não possui dados mais recentes disponíveis.

remuneração média na atividade têxtil do Brasil subiu de forma expressiva nos últimos anos (entre 2006 e 2012, 17,3% no Brasil e 15,5% no Nordeste – ver Gráfico 10), o impacto na participação do custo de mão de obra foi de apenas 1,7% no Brasil e 1,1% no Nordeste (Tabela 18). Dentre as três regiões mais representativas na Indústria Têxtil nacional, o Nordeste apresenta os menores custos de mão de obra relativamente ao total de custos e despesas. Este fato ocorre também com os estados do Nordeste, que em geral apresenta este indicador mais favorável do que os estados de outras regiões. Isto certamente tem sido um dos fatores que explicam a migração de indústrias têxteis para o Nordeste, ao lado dos incentivos fiscais.

Os custos adicionais com mão de obra na Indústria Têxtil foram em parte compensados pela diminuição do custo com matérias-primas (inclusive materiais auxiliares e componentes), que foi de 1,2% no Brasil e de 0,3% no Nordeste, entre 2007 e 2011. Dentre as regiões, o Nordeste tem apresentado o segundo menor custo médio de matérias-primas em relação ao custo total, antecedido pelo Centro-Oeste. Credita-se a liderança desta região e de seus estados, a exemplo de Goiás e Mato Grosso do Sul, à maior proximidade das fontes de matérias-primas, possibilitando a redução das despesas de frete, que são representativas.

Apesar da presença modesta na Indústria Têxtil brasileira, o Norte possui o menor custo médio de energia elétrica (R\$ 285,11/MWh), seguido de perto pelo Nordeste (R\$286,49/MWh). Chama a atenção a expressiva redução de preços das tarifas de energia elétrica do segmento industrial em todo do Brasil, variando entre -40,6% em Goiás e -20,4% no Espírito Santo.

A produtividade física, expressa pela relação entre a quantidade produzida de bens e o número de horas trabalhadas, caiu no Brasil (-9,2%) e no Nordeste (-4,9%) entre 2006 e 2013. Entre os Estados, as maiores quedas ocorreram no Rio de Janeiro (-35,0%) e no Ceará (-20,8%). Contudo, ressalta-se que a grande queda na produtividade física do Nordeste e do Brasil ocorreu entre 2009 e 2010. A partir desse ano (2010), esse indicador manteve-se relativamente estável no Nordeste, conforme se observa no Gráfico 5. Por outro lado, obtiveram incremento na produtividade os Estados de Minas Gerais (15,9%) e Pernambuco (12,2%) no mesmo período. Concernente ao valor agregado por empregado, o Nordeste (R\$50,6 mil/empregado) obteve o menor valor entre as regiões, embora tenha crescido 26,1% entre 2007 e 2011. O contraste observado entre o aumento da produtividade em valor, medida pela relação VTI/emprego, e a produtividade física, mensurada pela relação quantidade produzida/horas trabalhadas, indica que a indústria têxtil tem optado em anos recentes por fabricar produtos de maior valor agregado, certamente fugindo da concorrência estrangeira em produtos de baixo preço. Este comportamento explica a melhoria no faturamento das empresas têxteis de cerca de 6% entre 2007 e 2011 (ver Anexo I) em valores atualizados, apesar da queda da produção física.

Tabela 18 - Indicadores de eficiência da Indústria Têxtil - Brasil e Regiões e UFs

Unidade Geográfica	Custos de produção									Produtividade				
	Salários, retiradas e outras remunerações / Total de custos e despesas			Custos com consumo de matérias-primas, materiais auxiliares e componentes / Total de custos e despesas			Tarifa industrial média de energia elétrica com tributos (R\$/MWh)			VTI / Emprego			Produtividade física (qde. produzida / horas trabalhadas)	
	Valor em 2011	Variação 2007/11	Ran king	Valor em 2011	Variação 2007/11	Ran king	Valor em 2013	Variação 2006/13	Ran king	Valor em 2011 (R\$ mil) (*)	Variação 2007/11	Ran king	Variação 2006/13	Ran king
Brasil	14,6%	1,7%		47,5%	-1,2%		300,09	-28,4%		55,8	11,3%		-9,2%	
Regiões														
Centro-Oeste	n.d.	n.d.		43,2%	-0,3%	1	303,89	-35,9%	4	64,8	-11,2%	1	n.d.	
Nordeste	11,78%	1,1%	1	45,0%	-2,8%	2	286,49	-31,6%	2	50,6	26,1%	4	-4,9%	
Sul	15,27%	0,4%	2	46,9%	-0,8%	3	298,22	-23,6%	3	58,4	15,4%	2	n.d.	
Sudeste	15,34%	1,9%	3	49,0%	-0,6%	4	306,66	-28,4%	5	56,2	6,2%	3	n.d.	
Norte	n.d.	n.d.		n.d.	n.d.		285,11	-35,2%	1	n.d.	n.d.		n.d.	
Estados (**)														
Mato Grosso do Sul	n.d.	n.d.		43,0%	5,5%	2	339,74	-30,5%	13	n.d.	n.d.		n.d.	
Rio Grande do Norte	11,1%	1,0%	1	45,7%	-1,2%	7	282,44	-20,9%	6	61,5	97,7%	3	n.d.	
Sergipe	11,5%	1,1%	3	52,0%	0,2%	13	271,16	-27,7%	3	73,8	23,0%	1	n.d.	
Ceará	11,3%	-2,5%	2	43,6%	-3,0%	3	313,55	-32,8%	9	55,8	21,0%	8	-20,8%	5
Bahia	12,8%	9,4%	7	43,6%	-3,5%	4	262,21	-37,5%	2	60,6	22,6%	5	n.d.	
Mato Grosso	n.d.	n.d.		n.d.	n.d.		422,88	-25,1%	16	50,7	n.d.	9	n.d.	
Goias	n.d.	n.d.		42,5%	-5,3%	1	253,17	-40,6%	1	48,2	46,4%	11	n.d.	
São Paulo	15,5%	2,3%	11	48,6%	-1,7%	10	288,33	-29,5%	7	60,9	4,9%	4	-4,4%	3
Rio Grande do Sul	13,3%	3,7%	8	48,3%	-3,5%	9	273,95	-27,1%	4	71,2	26,4%	2	n.d.	
Santa Catarina	16,1%	-1,4%	12	44,3%	0,5%	6	329,19	-16,5%	12	56,5	13,4%	7	-13,8%	4
Paraná	13,5%	6,8%	9	56,4%	-1,1%	15	296,57	-26,3%	8	57,4	14,5%	6	n.d.	
Paraíba	11,8%	3,0%	4	44,2%	-3,5%	5	279,13	-25,6%	5	33,5	21,5%	13	n.d.	
Minas Gerais	14,1%	0,6%	10	49,2%	3,3%	11	326,96	-28,2%	11	43,7	7,6%	12	15,9%	1
Espírito Santo	12,1%	5,1%	5	51,7%	-5,3%	12	353,54	-20,4%	14	30,0	-7,5%	14	n.d.	
Pernambuco	12,5%	0,6%	6	46,9%	0,9%	8	325,67	-28,4%	10	27,3	-21,4%	15	12,2%	2
Rio de Janeiro	18,5%	0,5%	13	56,4%	7,2%	14	394,02	-23,6%	15	48,6	4,7%	10	-35,0%	6

Fontes: IBGE; MDIC/AliceWeb; ANEEL

Notas:

(*) Valores reajustados para 2013 pelo IPCA anual médio.

(**) Somente apresentados valores de UFs com receitas líquidas de vendas superiores a R\$ 100 milhões (2011).

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

6.3. Indicadores de capacitação

De acordo com Fajnzylber (1993), os indicadores de capacitação, entendidos num sentido amplo, abrangem os determinantes do sucesso competitivo associados à incorporação de avanços tecnológicos em produtos e processos, aos ganhos cumulativos derivados de formas apropriadas de organização empresarial e de cooperação interfirma e em nível e composição dos investimentos públicos e privados incluindo aqueles realizados em capital humano.

Na falta de indicadores mais apropriados, são apresentados nesta análise os indicadores “escolaridade da mão de obra” e uma evidência de “atualização tecnológica” a partir das importações de máquinas e equipamentos em anos recentes.

O indicador de escolaridade da mão de obra demonstra que cerca de metade da força de trabalho da Indústria Têxtil do Brasil não tem sequer o ensino médio completo, sendo um pouco melhor no Nordeste (43,1%) (Tabela 18). Trata-se, portanto, de mão de obra pouco qualificada, o que certamente dificulta a adoção de tecnologias mais sofisticadas de produção. Os Estados do Nordeste possuem em geral mão de obra com melhor nível de escolaridade, fato que se justifica, em parte, pela proporcionalmente menor oferta de empregos em outros setores empresariais, obrigando os trabalhadores de maior escolaridade da região a buscarem ocupação em atividades de menor remuneração.

O indicador de atualização tecnológica mostra que, entre 2009 e 2011¹¹, Pernambuco investiu muito mais na compra de equipamentos importados (proporcionalmente às suas receitas) do que os demais entes da federação relacionados na Tabela 19. Dentre as importações de Pernambuco de máquinas e equipamentos para a Indústria Têxtil nesse período, correspondentes a US\$ 85,3 milhões, 90% foram destinadas à aquisição de “máquinas p/extrudar materiais têxteis sintéticos/artificiais” (US\$ 36,1 milhões) e “outras máquinas p/estirar materiais têxteis sintéticos/artificiais” (US\$ 39,3 milhões), o que é um forte indicativo de que esse Estado está investindo em busca do aproveitamento da oferta de matéria-prima (polímeros e filamentos de poliéster) pela Petroquímica Suape.

Tabela 19 - Indicadores de capacitação da Indústria Têxtil - Brasil e Regiões e UFs

Unidade Geográfica	Escolaridade da mão-de-obra						Atualização tecnológica		
	Total de empregados (2012)	Analfabeto	Até o ensino médio incompleto	Ensino médio completo	De superior incompleto a pós-graduação	Ran king (***)	Importações de máq. e equip. p/Indústria Têxtil (soma 2009-11) US\$ 1.000,00	Importações equipamentos / Receitas indústria têxtil (*)	Ran king
Brasil	298.619	0,2%	49,2%	44,2%	6,4%	-	838.553	-	-
Regiões									
Centro-Oeste	8.858	0,3%	50,2%	43,6%	5,8%	3	48.749	2,0	1
Nordeste	52.359	0,4%	42,7%	52,3%	4,6%	1	237.020	1,8	2
Sul	84.442	0,1%	54,3%	38,7%	6,8%	4	191.116	0,8	3
Sudeste	150.760	0,1%	48,4%	44,6%	6,9%	2	358.152	0,8	3
Norte	2.200	0,2%	59,7%	37,7%	2,4%	5	3.515	1,7	5
Estados (**)									
Mato Grosso do Sul	2.708	0,1%	53,3%	38,9%	7,6%	10	12.152	1,0	9
Rio Grande do Norte	6.055	0,4%	46,0%	49,1%	4,5%	6	11.284	0,6	14
Sergipe	4.282	0,3%	46,8%	47,7%	5,2%	7	15.477	1,1	7
Ceará	17.050	0,2%	36,0%	58,7%	5,1%	1	73.745	1,6	4
Bahia	7.881	0,4%	37,5%	58,1%	4,0%	2	20.433	1,0	10
Mato Grosso	2.556	0,5%	43,6%	47,7%	8,2%	4	36.238	5,0	2
Goias	3.466	0,4%	53,1%	43,7%	2,8%	11	340	0,1	16
São Paulo	109.309	0,2%	45,7%	46,7%	7,5%	5	299.060	0,9	11
Rio Grande do Sul	9.616	0,1%	55,0%	37,9%	7,1%	12	50.898	1,6	5
Santa Catarina	57.418	0,1%	55,3%	37,4%	7,2%	14	98.078	0,6	12
Paraná	17.408	0,2%	50,8%	43,6%	5,4%	9	42.140	1,0	8
Paraíba	9.295	0,4%	55,0%	41,3%	3,3%	13	29.465	1,6	6
Minas Gerais	33.354	0,1%	56,0%	38,8%	5,1%	16	40.432	0,5	15
Espírito Santo	1.353	0,2%	47,1%	49,4%	3,3%	8	10.022	1,9	3
Pernambuco	6.635	0,6%	40,8%	53,0%	5,6%	3	85.294	7,0	1
Rio de Janeiro	6.744	0,1%	55,4%	37,7%	6,8%	15	8.639	0,6	13

Fontes: IBGE; MDIC/AliceWeb; MTE/RAIS

Notas:

(*) Relação entre a proporção da UF nas importações brasileiras de máquinas e equipamentos e a proporção da UF nas vendas líquidas de manufaturados têxteis. Valores maiores indicam que o estado está importando proporcionalmente mais do que aqueles que apresentam valores menores. 0,905

(**) Somente apresentados valores de UFs com receitas líquidas de vendas superiores a R\$ 100 milhões (2011).

(***) Feito com base na participação do número de empregados com nível médio concluído e acima.

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

7. AMBIENTE MACROECONÔMICO

A indústria têxtil é afetada pelo desempenho da atividade econômica, pela renda disponível para o consumo, pela taxa de câmbio, taxa de juros e oferta de crédito, dentre outras variáveis. O Quadro 1 apresenta as tendências para os anos 2014 e 2015 de algumas variáveis cujo comportamento pode causar impacto no setor de manufaturados têxteis.

¹¹ O IBGE divulgou dados de receitas líquidas de vendas somente até 2011, o que inviabiliza a disponibilização de informações mais recentes, já que o indicador é a relação entre as importações de máquinas e equipamentos e a receita líquida de vendas (ou ROL).

Quadro 3 – Tendências de variáveis que afetam o setor têxtil

Variável	Referência	Valor	2014		2015	
			Tendência	Impacto no setor	Tendência	Impacto no setor
PIB (% de crescimento)	2013	2,3%	↘	=	↘	=
Taxa de Juros (SELIC)	28/03/2014	10,75%	↗	-	↗	-
Inflação (IPCA)	2013	5,91%	↗	-	↗	-
Câmbio (US\$)	28/03/2014	R\$ 2,26	↗	+	↗	+
Renda média do brasileiro > 10 anos (1)	2012	R\$ 1.002	↗	+	↗	+
Importações no setor manufaturados têxteis (2)	Variação 2013/2012	-2,4%	↘	+	↘	+
Exportações no setor de manufaturados têxteis (2)	Variação 2013/2012	-2,5%	↗	+	↗	+
Crédito ao consumidor (3)	Variação 2013/2012	7,6%	↗	+	↗	+

Fontes: Relatório Focus 28/03/2014 (BACEN); MDIC/Aliceweb; IBGE.

Notas:

(1) IBGE/Pnad 2012 - Tabela 1860 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade e valor do rendimento médio mensal, por sexo, situação e classes de rendimento mensal;

(2) Exportações e importações analisadas em função da tendência do câmbio, no caso, apreciação do real frente ao dólar;

(3) Bacen – Saldo de operações de crédito – pessoa física – recursos livres.

Pela ótica da oferta, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 2,3% em 2013, tendo sido puxado principalmente pelo setor agropecuário, que expandiu 7%. Pelo lado da demanda, os investimentos foram o principal destaque. A formação bruta de capital fixo teve alta de 6,3% no ano passado, puxada pelo aumento da produção interna de máquinas e equipamentos. A expectativa do mercado, de acordo com o Relatório Focus de 28/03/2014, do Banco Central, é de que o PIB cresça menos do que 2,3% em 2014 e 2015. Não sendo um crescimento expressivo, estima-se que não causará impacto significativo na demanda de produtos têxteis.

A taxa de juros SELIC tem mantido trajetória ascendente nos últimos meses visando diminuir a pressão inflacionária. A expectativa do mercado é de que em 2014 e 2015 ocorra aumento em relação à taxa de 10,75% observada em 28/03/2014 (BACEN, Relatório Focus de 28/03/2014). Como o aumento da taxa de juros básico inibe as compras no varejo, pressupõe-se que ocorra um impacto negativo no setor têxtil em virtude de afetar negativamente o setor de vestuário.

A expectativa do mercado é de que a inflação de 2014 e 2015, mensurada pelo IPCA, supere a observada em 2013, que foi de 5,91%. Isto certamente contribuirá para corroer o poder de compra do brasileiro e diminuir o consumo, podendo afetar o setor têxtil.

A adoção pelo Brasil do câmbio flutuante tem ocasionado alterações dos volumes e valores exportados e importados dos produtos têxteis, em função da cotação do dólar. Embora o câmbio tenha se apreciado em fevereiro e março/2014, a tendência para os anos de 2014 e de 2015 é de que seja desvalorizado comparativamente à taxa de R\$ 2,26/US\$, observada em 28/03/2014 (BACEN, Relatório Focus de 28/03/2014). Isto ocorrendo, as exportações serão beneficiadas e as importações dificultadas. Contudo, caso a desvalorização seja pequena, há a possibilidade concreta do aumento do déficit na balança comercial de produtos manufaturados têxteis.

O salário mínimo do país e o salário médio do brasileiro têm crescido em termos reais nos últimos anos. Embora a previsão seja de que continue crescendo acima da inflação em 2014 e 2015, o ritmo de aumento real tende a diminuir.

8. VULNERABILIDADE

Considerando o crescimento substancial das importações de manufaturados têxteis nos últimos anos e o fato do Brasil ter adotado regime de câmbio flutuante, pode ocorrer a apreciação do real no futuro próximo, contribuindo para os produtos estrangeiros ocuparem mais espaço no mercado interno, dificultando o crescimento do setor.

O aumento dos preços das matérias-primas têxteis, tanto do algodão como dos filamentos sintéticos/artificiais, o crescimento real dos salários e o aumento das importações estão pressionando as margens das empresas do setor têxtil. Além disso, a perda de competitividade perante os produtos importados está dificultando o crescimento da indústria têxtil brasileira.

A persistência da inflação, a expectativa de menor aumento da massa salarial da população nos próximos anos e o comprometimento de parcela expressiva dos rendimentos para o pagamento de empréstimos pessoais pode impactar o crescimento da demanda de produtos têxteis.

Além das questões supracitadas, percebe-se que, focando o mercado interno, há um problema logístico afetando a indústria têxtil nordestina, tendo em vista que as matérias-primas utilizadas, especialmente o algodão, são trazidas da região de cerrados do Centro-Oeste para, após o processamento, parte dos produtos finais seguirem para as regiões Sul e Sudeste, onerando bastante os custos de transporte e, conseqüentemente, do produto final. Quando o foco é no mercado externo, especificamente Estados Unidos e Europa, a localização das indústrias nordestinas torna-se um fator de aumento de competitividade, tendo em vista a menor distância entre esses mercados e os principais portos da região, em comparação com outras regiões brasileiras.

9. ANÁLISE PROSPECTIVA

As perspectivas para o setor são pouco favoráveis. Apesar das projeções para a demanda indicarem crescimento em 2014 e 2015, a produção interna de manufaturados têxteis poderá ser limitada pela presença de produtos importados e pela retração das exportações, caso o câmbio não seja favorável. As empresas nordestinas devem buscar cada vez mais nichos de mercado para evitar a concorrência direta com os produtos importados.

Considerando a desvalorização do real ocorrida a partir de 2011, quando se verificou uma inflexão na curva de importação e atenuação da queda das exportações (Ver Gráfico 13) e levando em conta a expectativa de que a moeda brasileira se mantenha depreciada em 2014 e 2015, acredita-se que as importações serão freadas e as exportações incrementadas.

REFERÊNCIAS

ABIT – Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecções. **Exportações brasileiras de produtos têxteis e confeccionados**. Disponível em <<http://www.abit.org.br>>. Acesso em 05/08/2009.

Bacen. Banco Central do Brasil. **Câmbio**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

Bacen. Relatório Focus de 28/03/2014. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

Coutinho, Luciano; Ferraz, João Carlos. (Coord.). **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. 3.ed. Campinas: Papyrus, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa industrial anual (PIA)**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 28 mar. 2014.

_____. Produção Física Industrial. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 22 mar. 2014.

_____. Pesquisa Mensal de Comércio. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 23 mar. 2014.

CEPEA. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **Evolução do preço do algodão**. Disponível em: <<http://cepea.esalq.usp.br/algodao>>. Acesso: 25 mar. 2014.

IEMI. Instituto de Estudos e Marketing Industrial Ltda. **Brasil têxtil: relatório setorial da indústria têxtil brasileira 2013**. São Paulo, IEMI, v.13, nr. 13, ago. 2013.

IEMI - Instituto de Estudos e Marketing Industrial. **Estudo da cadeia produtiva têxtil do estado do Ceará**. Fortaleza: Sinditêxtil, 2003.

MDIC. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. **Banco de dados Aliceweb**. Disponível em: <<http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em 20 mar. 2014.

MTE. Ministério do Trabalho e Emprego. **Banco de dados Rais/Caged**. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/portal-pdet>>. Acesso em 17 mar. 2014.

ANEXO I – DINÂMICA ENTRE 2007 E 2011 (%) E VALOR EM 2011 (R\$ MILHÕES) DE VARIÁVEIS DA INDÚSTRIA TÊXTIL – BRASIL, REGIÕES E ESTADOS SELECIONADOS

Unidade da Federação	Total de receitas líquidas de vendas		Rec. líq. de vendas de atividades industriais		Total de custos e despesas		Salários, retiradas e outras remunerações		Enc. sociais e trabalhistas, indenizações e benefícios	
	2011	Var. acum. 2007/2011	2011	Var. acum. 2007/2011	2011	Var. acum. 2007/2011	2011	Var. acum. 2007/2011	2011	Var. acum. 2007/2011
Brasil	40.617	6,3%	39.481	6,2%	39.816	6,1%	5.814	13,2%	2.672	15,5%
Regiões										
Nordeste	6.354	0,2%	6.228	-0,5%	6.302	-4,9%	742	-0,8%	411	10,4%
Sudeste	21.215	0,3%	20.688	0,7%	20.805	4,1%	3.192	11,9%	1.475	13,1%
Sul	11.488	22,3%	11.108	20,2%	11.302	18,5%	1.725	20,4%	725	21,5%
Centro-Oeste	1.438	20,0%	1.337	32,5%	1.283	3,6%	130	64,1%	50	69,1%
Norte	95	-17,7%	94	-17,4%	96	-19,3%	15	-12,4%	7	-17,1%
Estados										
Minas Gerais	3.633	-5,5%	3.583	-5,6%	3.588	0,9%	504	2,3%	255	13,3%
Rio de Janeiro	709	-22,8%	700	-19,9%	752	-18,0%	139	-16,6%	59	-21,0%
São Paulo	16.672	3,3%	16.212	3,6%	16.238	6,4%	2.522	16,3%	1.153	15,9%
Paraná	2.034	6,6%	2.021	7,8%	1.891	0,2%	256	22,7%	109	26,0%
Santa Catarina	7.879	25,4%	7.581	22,4%	7.837	25,0%	1.260	18,2%	521	20,7%
Rio Grande do Sul	1.575	30,4%	1.505	28,6%	1.573	14,1%	210	31,7%	95	21,4%
Ceará	2.176	23,3%	2.109	21,1%	2.179	23,5%	245	8,9%	159	36,1%
Rio Grande do Norte	898	-16,4%	891	-16,2%	797	-23,7%	88	-24,6%	58	-4,0%
Paraíba	885	-7,7%	881	-7,3%	997	-17,5%	117	-10,3%	60	-2,9%
Pernambuco	543	-10,7%	529	-13,0%	648	-1,1%	81	0,5%	36	7,3%
Alagoas	66	-56,9%	65	-57,3%	72	-52,6%	11	-39,9%	5	-37,7%
Sergipe	640	3,9%	634	4,2%	532	-7,1%	61	-3,9%	30	-8,8%
Bahia	1.132	3,8%	1.106	3,9%	1.064	-8,1%	136	31,5%	63	11,4%
Espírito Santo	200	-18,9%	192	-17,0%	227	-9,9%	28	4,9%	8	-16,4%
Mato Grosso do Sul	729	39,6%	644	92,8%	652	15,4%	32	66,4%	15	71,4%
Mato Grosso	418	14,9%	405	11,6%	407	22,0%	36	50,2%	14	64,1%

Continua

ANEXO I - Dinâmica entre 2007 e 2011 (%) e valor (R\$ milhões) de variáveis da Indústria Têxtil – Brasil, Regiões e Estados (Continuação)

Unidade da Federação	Custos com consumo de matérias-primas, materiais auxiliares e componentes		Total de custos das operações industriais		Valor da transformação industrial		Valor bruto da produção industrial	
	2011	Var. acum. 2007/2011	2011	Var. acum. 2007/2011	2011	Var. acum. 2007/2011	2011	Var. acum. 2007/2011
Brasil	18.901	1,0%	24.591	5,4%	16.556	10,2%	41.147	7,3%
Regiões								
Nordeste	2.834	-16,6%	4.022	-7,2%	2.577	19,2%	6.599	1,6%
Sudeste	10.195	1,4%	12.808	2,1%	8.608	1,8%	21.416	2,0%
Sul	5.298	14,5%	6.822	20,7%	4.846	21,8%	11.669	21,1%
Centro-Oeste	554	-3,6%	876	19,6%	459	30,4%	1.335	23,1%
Norte	11	-75,4%	50	-6,5%	52	-11,4%	102	-9,0%
Estados								
Minas Gerais	1.767	14,3%	2.296	1,1%	1.439	-5,1%	3.735	-1,4%
Rio de Janeiro	424	7,7%	460	-8,6%	379	-17,0%	839	-12,6%
São Paulo	7.887	-0,8%	9.914	3,4%	6.733	4,9%	16.646	4,0%
Paraná	1.066	-4,6%	1.228	-3,6%	834	23,8%	2.062	5,9%
Santa Catarina	3.471	27,2%	4.633	32,3%	3.318	17,5%	7.952	25,7%
Rio Grande do Sul	761	-2,6%	961	9,6%	694	43,9%	1.654	21,8%
Ceará	950	7,6%	1.360	21,7%	924	26,6%	2.283	23,6%
Rio Grande do Norte	364	-28,3%	486	-27,3%	374	25,4%	861	-11,0%
Paraíba	441	-31,1%	657	-20,2%	277	15,5%	934	-12,1%
Pernambuco	304	-5,7%	432	4,0%	193	-18,3%	626	-4,1%
Alagoas	28	-68,1%	41	-62,9%	25	-49,1%	66	-58,6%
Sergipe	277	-6,5%	362	-6,3%	292	11,1%	654	0,8%
Bahia	464	-26,9%	676	-11,8%	487	51,5%	1.163	6,9%
Espírito Santo	118	-28,6%	139	-24,0%	57	-15,3%	195	-21,6%
Mato Grosso do Sul	191	-6,2%	436	53,1%	202	80,2%	638	60,7%
Mato Grosso	269	53,7%	311	57,5%	99	-40,3%	410	12,9%

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Anual

Notas: dados para Brasil: referem-se a valores das unidades locais industriais com 1 ou mais pessoas ocupadas; dados para regiões: *proxy* baseada na participação de cada região (soma dos estados que formam a região) nos valores das unidades locais industriais com 5 ou mais pessoas ocupadas do Brasil. O IBGE não divulga dados regionais/estaduais para unidades locais industriais com menos de 5 empregados. Valores deflacionados para 2013 pelo IPCA.

Elaboração: ETENE/Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação.